

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS**

DÉBORA CRISTINA DE MORAES

Ericto, a feiticeira: a magia nas tramas da tradução castilhiana
(*Pharsalia*, VI, 438-569)

Araraquara
2014

DÉBORA CRISTINA DE MORAES

Ericto, a feiticeira: a magia nas tramas da tradução castilhana
(*Pharsalia*, VI, 438-569)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras,
da Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

Bolsa: FAPESP

Araraquara
2014

Moraes, Débora Cristina de
Ericto, a feiticeira : a magia nas tramas da tradução castilhiana
(Pharsalia, VI, 438-569) / Débora Cristina de Moraes – 2015

47 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade
de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

Orientador: Brunno Vinícius Gonçalves Vieira

1. Traduções. 2. Crítica. 3. Literatura latina. I. Título.

DÉBORA CRISTINA DE MORAES

Ericto, a feiticeira: a magia nas tramas da tradução castilhana
(*Pharsalia*, VI, 438-569)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras,
da Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

Bolsa: FAPESP

Data da defesa/entrega: 02 / 02 / 2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. Brunno V.G. Vieira

Presidente e Orientador: Nome e título
Universidade:

Professora Ms. Cíntia Martins Sanches

Membro Titular: Nome e título
Universidade: (UNESP-PPG Estudos Literários)

Professor Dr. Alexandre Prudente Píccolo

Membro Titular: Nome e título
Universidade: USP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

RESUMO

Os estudos de tradução têm, na atualidade, suscitado novas pesquisas nas diversas áreas que englobam a tradução como recepção e crítica. Se em outros tempos este trabalho era visto simplesmente como interpretação parafrástica do texto “original”, neste momento outras exigências se impõem. O papel do tradutor e uma inerente teoria agregada ao seu trabalho são verificados no produto final da obra traduzida – o texto de chegada. O teórico eleito por nós para basear uma significativa parte do trabalho é o francês Antoine Berman, com duas importantes obras para a teoria moderna da tradução, *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* e o capítulo “A tradução em manifesto”, que está inserido em *A prova do estrangeiro*. Através dessas leituras, tenta-se vislumbrar a praxe teórica de um tradutor profícuo do século XIX: José Feliciano de Castilho. Dentre suas notas à versão de *Os amores*, de Ovídio (denominada *Grinalda Ovidiana*), elegemos um excerto da *Farsália* de Lucano para análise e reflexão do fazer tradutório em nossa literatura em uma importante época de sua formação.

Palavras-chave: tradução, crítica, literatura latina

ABSTRACT

The translation studies have raised new research in several areas that include translation as reception and criticism. If in other times this work was seen simply as "parafrástica" interpretation of the "original" text, this time other requirements are imposed. The role of the translator and an inherent aggregate theory to their work are checked in the final product of the translated work - the target text. The theoretical elected by us to base a significant part of the work is the French Antoine Berman, with two important works for the modern theory of translation, *Translation and the letter or a shelter for the far-way* and the chapter "The manifestation of translation", which is inserted into *The Experience of the Foreign*. Through these readings, attempts to glimpse the theoretical practice of a fruitful translator of the nineteenth century: José Feliciano de Castilho. Among his notes to his version of *Amores* of Ovid (called *Grinalda Ovidiana*), we chose an excerpt from *Pharsalia* of Lucan for analysis and reflection of translational do in our literature at an important time of their formation.

Keywords: translation, criticism, latin literature

SUMÁRIO

1. Introdução -----	07
1.1. Apresentação -----	07
1.2. Metodologia -----	08
2. Desenvolvimento -----	11
2.1. Texto latino -----	11
2.2. Reprodução diplomática -----	15
2.3. Texto latino, edição atualizada e notas -----	19
2.4. Contexto da nota e preâmbulo aos comentários -----	24
2.5. Comentários à tradução -----	25
3. Conclusão -----	35
4. Referências Bibliográficas -----	36
Anexo I - Edição fac-similar do texto latino e da tradução (Ovídio, 1858) -----	41
Anexo II - Tradução escolar -----	45

1. Introdução

1.1. Apresentação

Há no Brasil inúmeras obras da Antiguidade clássica traduzidas ao português que não foram inventariadas nem analisadas sob o prisma dos mais modernos posicionamentos a respeito de tradução. Propõe-se, aqui, uma revisão crítica de uma obra traduzida que circula entre nós desde o início da formação da literatura brasileira, pois entendemos que, além de influenciar o meio literário, o ofício de traduzir também constitui uma tradição à parte e pode ser estudado com o objetivo de estabelecer uma História da Tradução.

Nesta monografia, estuda-se a obra de José Feliciano de Castilho que traduziu excertos de autores latinos na *Grinalda Ovidiana* e na *Grinalda da Arte de Amar* (apêndices de notas culturais e exemplos literários romanos oportunos às obras de Ovídio: os *Amores* e *A Arte de Amar*, respectivamente, vertidas por seu irmão Antônio Feliciano de Castilho). Acredita-se que a diversidade de poemas e passagens trabalhadas por José Feliciano pode ter contribuído para fazê-los conhecidos por autores seus contemporâneos, entre os quais, por exemplo, Machado de Assis, que o cita, pois como lemos em Vieira (2012, p.233):

“A biblioteca latino-portuguesa de Machado de Assis [...] vai além daquela encontrada em sua biblioteca física[...]. Trata-se de um mapeamento de citações e traduções cuja leitura ou conhecimento por parte do escritor está testemunhada em suas crônicas.”.

De fato, o pesquisador encontra versos traduzidos pelo português nas crônicas e contos de Machado de Assis, visto que publicações de José Feliciano circulavam nos jornais da época e ambos frequentavam a Arcádia Fluminense, o que nos leva a atestar que Machado de Assis conhecia as traduções efetuadas por ele. (Vieira, 2012, p.234)

Assim, o presente trabalho faz parte de um projeto maior que inventaria e analisa todos os textos trasladados por Castilho, inseridos no contexto de divulgação do século XIX. Dentro dessa vasta obra, nosso cópulo compõe-se de um excerto do canto sexto da *Pharsalia*, de Lucano, presente na *Grinalda Ovidiana*, que perfaz um total de 123 hexâmetros latinos que foram vertidos em 140 decassílabos portugueses.

1.2. Metodologia

No início, situa-se o contexto da tradução: qual a justificativa para a tradução da cena? Como o tradutor foi levado a traduzi-la? Quais as relações dela com o poema de Ovídio?

Para isso, reproduz-se o texto latino de uma edição da época. Em seguida, procurou-se ilustrar a tradução de José Feliciano em uma imagem fac-similar, após o que se faz uma versão diplomática para esse texto, com atualizações necessárias: ortográficas, principalmente, segundo o *Vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa* (SANDRONI, 2009) e os *Índices de nomes próprios gregos e latinos* (PRIETO; PRIETO; PENA, 199_).

Através de notas, esclarecem-se termos específicos da Cultura Romana, contando com o *Dicionário de Mitologia* (GRIMAL, 1996) e o *Dicionário Oxford de Literatura Clássica* (HARVEY, 1987). Observam-se, finalmente, as particularidades de língua, versificação, rima, estilo e de escolhas tradutórias utilizadas por Castilho José para as quais se utilizam a *Arte de traduzir de Latim ao Português* (ALBUQUERQUE, 1818) e o *Tratado de metrificação portuguesa* (CASTILHO, 1874).

Sendo necessário o embasamento teórico para a análise e os comentários à tradução, elegemos para basear uma significativa parte do trabalho o francês Antoine Berman, do qual a leitura de duas importantes obras para a teoria moderna da tradução, *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* e o capítulo “A tradução em manifesto”, que está inserido em *A prova do estrangeiro*, nos é de importância basililar.

Em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, Berman teoriza sobre as práticas “tradução literal”, na qual a forma ocupa um lugar privilegiado, pois ela se volta para o jogo dos significantes, explicando ainda que literal não é palavra por palavra, mas sim a *letra*, que leva em conta as relações estabelecidas no texto artístico para a construção da rede de significados, ou seja, a forma. Esse postulado lança um novo olhar aos termos aplicados às teorias tradutórias. Para o francês a tradução palavra a palavra é chamada tradução servil.

Mais a frente, ele propõe que a ciência tradutória, tradutologia, é uma reflexão da tradução sobre si mesma a partir da sua natureza de experiência, ou pensamento da tradução. Para ele a dupla vigente nos meios tradutórios: teoria/prática deve ser substituída por experiência e reflexão. Afirma também que a tradição que preconiza o “equivalente”, corre o risco de apagar as marcas do texto de partida, pois muitas vezes a

busca pela equivalência neutraliza as construções próprias daquele texto, as quais deveriam ser mantidas, em um trabalho peculiar de tradução, para que o texto de chegada seja digno e condizente com a construção artística daquele com o qual se relaciona.

Nesse livro, o teórico postula um pensamento que consideramos fundamental: “Não existe *a* tradução (como postula a teoria da tradução), mas uma multiplicidade rica e desconcertante, fora de qualquer tipologia, *as* traduções, o espaço *das* traduções, que cobre o espaço do que existe em todo e qualquer lugar *paratraduzir*” (Berman. Embora tais palavras possam parecer um tanto revolucionárias para o entendimento da tradução até há pouco tempo, para nós parece apontar para uma crítica aprofundada e autoconsciente do ato de traduzir.

Faz-nos entender ainda que a tradução etnocêntrica (sistematização para nacionalizar — aclimatar — a obra traduzida) e a hipertextual (que se vale da explicitação excessiva através de recursos literários, ou seja, a literalização ou sobreliteratura) devem ser evitadas, pois podem desviar do texto o que ele trazia de próprio.

Por fim, Berman nesse livro fala da “Analítica da Tradução e a Sistemática da Deformação”, parte na qual explicita as tendências deformadoras de um texto traduzido. Essa expressão (tendências deformadoras) pode ser entendida de forma pejorativa, mas quando entendemos o que o autor pretende solucionar com elas, tais se tornam válidas e pertinentes aos estudos tradutórios. São treze as tendências: racionalização; clarificação; alongamento; enobrecimento; empobrecimento qualitativo; empobrecimento quantitativo; homogeneização; destruição dos ritmos; destruição das redes significantes subjacentes; destruição dos sistematismos; destruição ou exotização das redes de linguagens vernaculares; destruição das locuções e apagamento das superposições das línguas.

Cada uma delas parece uma ameaça à letra (a todas as particularidades do texto de partida), mas em algum grau elas são praticadas, por necessárias, no exercício tradutório.

Esses pressupostos, a princípio, parecem ser indispensáveis aos comentários que serão realizados ao trecho analisado nesta monografia. No decorrer do trabalho veremos se essa intuição se confirma e como ela se aplicará de fato.

O francês também, em “A tradução em manifesto”, afirma que “a reflexão sobre a tradução tornou-se uma *necessidade interna* da própria tradução [...] indica a vontade

de definir-se e situar-se por si mesma e, por conseguinte, ser comunicada, partilhada e ensinada”. Esse crítico defende também que: “A constituição de uma história da tradução é a primeira tarefa de uma teoria *moderna* da tradução. Toda modernidade institui não um olhar passadista, mas um movimento de retrospectiva que é uma compreensão de si” (BERMAN, 2002, p. 12).

O olhar suspeito que deitamos sobre obras traduzidas deve ser o mesmo que lançamos sobre quaisquer outras obras (BERMAN, 2002). Se uma época literária ou vertente literária com toda sua diversidade se oferece a seus críticos por meio de sua sistematização presente nas “histórias da literatura”, sobre as traduções de literatura clássica, não temos essa disponibilidade. Isso dificulta uma crítica mais consistente na medida que não possuímos nesse campo uma sistematização tão extensa quanto possível, do nosso acervo tradutório.

Assim como em todas as ciências sempre se inicia pelos primórdios, criando paradigmas, estabelecendo relações e, então, acrescentando novos conhecimentos, isso não deve ser diferente no tocante à tradução (BERMAN, 2002). Quando um crítico (um leitor ou um tradutor) vai até o séc. XIX, época que aqui nos interessa particularmente, em busca de um exemplo ou de um modelo tradutório, seu juízo é prejudicado pelo desconhecimento mais extenso dos paradigmas e das relações intrínsecas da produção tradutória do período. Berman chama essa crítica de intuitiva.

A pesquisadora ainda elabora uma tradução escolar, com anotações de dados culturais romanos, para facultar uma melhor compreensão do texto latino, e, por fim, elabora comentários à tradução.

2. Desenvolvimento

2.1. Texto Latino (OVÍDIO, 1858. p.p 454,456,458,460)¹

p.454	Thessala quin etiam tellus herbasque nocentes Rupibus ingenuit, sensuraque saxa canentes Arcanum ferale Magos. Ibi plurima surgunt Vim factura Deis, et terris hospita Colchis Legit in Haemoniis, quas non advexerat, herbas. Impia tot populis, tot surdas gentibus aures Coelicolum dirae convertunt carmina gentis. Una per aetherios exit vox illa recessus, Verbaque ad invitum perfert cogentia numen, Quod non cura poli, coelique volubilis umquam Avocat. Infandum tetigit quum sidera murmur, Tunc, Babylon Persea licet, secretaque Memphis Omne vetustorum solvat penetrabile Magorum: Abducit Superos alienis Thessalis aris.	[440]
	Carmine Thessalidum dura in praecordia fluxit Non fatis adductus amor; flammisque severi Illicitis arsere senes. Nec noxia tantum Pocula proficiunt, aut quum turgentia succo Frontis amaturae subducunt pignora fetae: Mens, hausti nulla sanie polluta veneni, Excantata perit. Quos non concordia mixti Alligat ulla tori, blandaeque potentia formae, Traxerunt torti magica vertigine fili. Cessavere vices rerum; dilataque longa Haesit nocte dies: legi non paruit aether, Torpuit et praiceps, audito carmine, mundus; Axibus et rapidis impulsos Jupiter urgens Miratur non ire polos. Nunc omnia complent Imbribus, et calido producunt nubila Phoebos; Et tonat ignaro coelum Jove: vocibus isdem Humentes late nebulas, nimbosque solutis Excussere comis. Ventis cessantibus, aequor Intumuit; rursus vetitum sentire procellas	[445]
		[450]
		[455]
		[460]
		[465]
		[470]

¹ Nesta edição, o trecho estudado está em versão bilíngue, alternando páginas em latim e português. Por esse motivo as páginas do texto latino são pares e as do texto português, ímpares.

p. 456	Conticuit, turbante Noto: puppimque ferentes In ventum tumuere sinus. De rupe pependit Abscisa fixus torrens; amnisque cucurrit Non qua pronus erat. Nilum non extulit aestas; Maeander derexit aquas; Rhodanumque morantem	[475]
	Praecipitavit Arar. Summisso vertice montes Explicuere jugum, nubes suspexit Olympus: Solibus et nullis Scythicae, quum bruma rigeret, Dimaduere nives. Impulsam sidere Tethyn	[480]
	Reppulit Haemonium, defenso litore, carmen. Terra quoque immoti concussit ponderis axem, Et medium vergens nisu titubavit in orbem: Tantae molis onus percussum voce recessit, Perspectumque dedit circumlabentis Olympi.	[485]
	Omne potens animal leti, genitumque nocere, Et pavet Haemonias, et mortibus instruit artes. Has avidae tigres, et nobilis ira leonum Ore foveat blando: gelidos his explicat orbis, Inque pruinoso coluber distenditur arvo.	[490]
	Viperei coeunt, abrupto corpore, nodi; Humanoque cadit serpens adflata veneno.	[495]
	Quis labor hic Superis, cantus herbasque sequendi, Spernendique timor? cujus commercia pacti Obstrictos habuere Deos? parere necesse est, An juvat? ignota tantum pietate merentur?	[500]
	An tacitis valuere minis? hoc juris in omnes Est illis Superos? an habent haec carmina certum Imperiosa Deum, qui mundum cogere, quidquid Cogitur ipse, potest? Illis et sidera primum Praecipiti deducta polo; Phoebique serena	[500]
	Non aliter, diris verborum obsessa venenis, Palluit, et nigris terrenisque ignibus arsit, Quam si fraterna prohiberet imagine tellus,	

p.460

Colligit in cineres, et olentes membra favillas.

Ast ubi servantur saxis, quibus intimus humor
 Ducitur, et tracta durescunt tabe medullae
 Corpora; tunc omnes avide desaevit in artus, [540]
 Immergitque manus oculis; gaudetque gelatos
 Effodisse orbes; et siccae pallida rodit
 Excrementa manus: laqueum, nodosque nocentes
 Ore suo rupit; pendentia corpora carpsit,
 Abrasitque cruces; percussaque viscera nimbis [545]
 Vulsit, et incoctas admissio sole medullas.
 Insertum manibus chalybem, nigramque per artus
 Stillantis tabi saniem, virusque coactum
 Sustulit, et, nervo morsus retinente, pependit.
 Et, quodcumque jacet nuda tellure cadaver, [550]
 Ante feras, volucresque sedet; nec carpere membra
 Vult ferro, manibusque suis, morsusque luporum
 Exspectat, siccis raptura e faucibus artus.
 Nec cessant a caede manus, si sanguine vivo
 Est opus, erumpat jugulo qui primus aperto, [555]
 Nec refugit caedes, vivum si sacra cruorem.
 Extaque funereaeposcut trepidantiamensae:
 Vulnere sic ventris, non qua Natura vocabat,
 Extrahitur partus, calidis ponendus in aris.
 Et quoties saevis opus est, ac fortibus umbris, [560]
 Ipsa facit manes: hominum mors omnis in usu est.
 Illa genae florem primaevocorpore vulsit,
 Illa comam laeva morientia abscidit ephebo.
 Saepe etiam caris, cognato in funere, dira
 Thessalis incubuit membris; atque oscula fingens, [565]
 Truncavitque caput, compressaque dentibus ora
 Laxavit; siccoque haerentem gutture linguam
 Praemordens, gelidis infudit murmura labris,
 Arcanumque nefas Stygias mandavit ad umbras.

2.2. Reprodução Diplomática (OVÍDIO, 1858. p.p 455, 457, 459,461)

p. 455 INTENDE A FUNDO OS MAGICOS SEGREDOS.²

Nutre a Thessalia, em seos horrendos flancos,
 Mil simples venenosos; da magia
 Os proprios montes os arcanos sabem.
 Nascem plantas ahi que aos deuses forçam;
 E a barbara Medéa á hemonia terra
 Hervas foi descobrir, em Colcho ignotas!
 Dos deuses o ouvido, a nós tão surdo,
 Tornál-o attento as feiticeiras sabem.
 Só d'ellas rompe a voz ethereos paços,
 E invito ao nume essas palavras chegam.
 Sem que do polo, nem do céu voluvel
 O-distraia o cuidado. Quando aos astros
 Ascende o infando thessalonio grito
 Nem poderia Babylonia ou Memphis,
 Inda ostentando os penetraes dos magos,
 Fazer-se ouvir aos deuses, que as-desertam.

Ao canto das Thessalides, de chofre,
 De amor se-abranda o coração mais duro;
 Arde o peito senil com chamma illícita.
 Não produz só tão torpes maleficios
 Funesta beberage ou o hippomane;
 A mente, sem que o toxico a-pollua,
 Co'as palavras, fallece. Aos que não liga
 Tóro de amor, belleza, ou sympathia,
 O mago fio attrahe, e os-encadeia.

Da natureza a ordem se-interverte;
 Sem fim, no dia, a noite se-prolonga;
 Rebella-se o ether contra as leis eternas;
 Immoavel cede, ao esconjuro, o mundo.
 Jove, que á esphera imprime o gyro rapido,
 Pasma que os eixos parem; toda a terra
 De agua se-inunda; o sol as nuvens cerram;
 Ronca o trovão....e Jupiter o ignora!
 Co'o mesmo carne, e desatando as tranças,
 Expelle a maga, ao longe, a nevua e as chuvas:
 Calam-se os ventos; intumesce o oceano;
 Ira-se o noto; o mar lhe-espreita as furias;

² Este cabeçalho consta da edição de 1858 da *Grinalda Ovidiana* e se refere ao verso dos *Amores* objeto desse comentário. Vale lembrar que José Feliciano não faz menção apenas à *Ericto* de Lucano, nesta nota, ele descreve também feiticeiras e artes mágicas presentes em diversos autores.

p. 457 INTENDE A FUNDO OS MÁGICOS SEGREDOS.

Das naus os flancos contra as vagas gemem.
 Torrente, que espumava, alem, suspende;
 Contra o declive, alem remonta o rio;
 Não transborda, em verão, o Nilo; e as aguas
 Em recta linha á foz leva o Meandro;
 Impelle o Sona ao Rhodano remisso;
 Baixam seos cumes á planície os montes;
 Não calca o Olympo as nuvens; lá se-fundem,
 Sem sol, do inverno ao pino, as scythias neves.
 A negra invocação repelle as ondas,
 E deixa a sêcco a praia; o axe da terra
 Abala a mole immovel, e no espaço
 O orbe vergando, titubeia e pende,
 E impellido a tal voz, esvai-se o globo,
 Patenteando o circumfuso Olympo.

Todo o animal malefico e homicida
 Treme da Hemonia, e é-lhe instrumento horrendo!
 O leão iracundo, o avido tigre
 Lambem-lhe as mãos; as gelidas escamas
 Alarga a cobra, e roja-se no gêlo;
 Vipereas juntas, arrancadas, soldam-se,
 E um bafo humano as serpes anniquilla.

D'onde virá que os deuses se-arreceiem
 De hervas e cantos, e ind'assim lhes fujam?
 Que pasto os-liga? é força que obedeçam?
 E' dó? serão secretas ameaças?
 Exercem seo podêr nos deuses todos,
 Ou só n'algum, que o mundo violente
 Como o-forçam a elle?

O indubitavel
 E' que os astros dos céos a maga arranca;
 Serena Phebe, oppressa por taes vozes,
 Empallidece, e frouxa luz derrama;
 Dirás que a terra veda a amiga imagem,

p.459 INTENDE A FUNDO OS MAGICOS SEGREDOS.

E os ethereos clarões co'a sombra apaga;
E assim labora, até que se-resolva
Perto a espumar as sutopostas hervas.

E inda esses carmes, esses impios ritos
Eram virtude, aos olhos de Erichthoa
Que inda mais inquinou a arte maldicta!

Essa nunca em cidades, nem nas casas,
Mostra a feral cabeça; a bruxa habita
Vacuo moimento, d'onde expulsa as sombras;
Cara aos numes do averno, escuta os manes,
Sabe a estygie, e Plutão diz-lhe mysterios.
Que importa ser mortal? permite-o o Fado.

Na face magra e horrenda, nunca um atomo
Luziu da côr do dia; as hirtas grenhas
Fronte de estygia pallidez lhe-cobrem.
Vem temporal? a nevua encobre os astros?
Sahe de sepulchro nu, sorve os coriscos;
Definha a loura messe aos pés calcada,
Empeçonha-se o ar, que a infame expira.
Nem ora aos deuses; nem invoca numes,
Expiatorias fibras não conhece.
Nas aras pôr as funerareas tochas,
Queimar incenso aos tumulos roubado,
A' thessalia Erichthoa apraz só isso.

Mal abre a bocca, os Deuses lhe-concedem
Quantas nequicia quer; tremem de ouvil-a
Mandar segunda vez; arroja á campa
Almas bem vivas, que inda os membros regem,
E a que o Fado annos longos promettêra.
Trocando os ritos funebres, dos tumulos
Evoca....e os corpos do seu leito fogem.
Pilha á fogueira os ossos abrasados,
Dos moços rouba as fumegantes cinzas,
E a propia tocha, que os seos paes em*unham.
Tóro feral infumaçados restos

p. 461 INTENDE A FUNDO OS MAGICOS SEGREDOS.

Lhe-dá,e a veste já desfeita em cinzas,
E os braseiros, de odor de sangue humano.

Mas si na pedra o corpo se-conserva,
Vasado o humor, duras contrahidas visceras,
Avida então lhe-explora os membros todos;
Nos olhos crava as mãos; geladas orbitas
Arranca, roe-lhe as roxas seccas unhas;
Co'os dentes rompe as cordas do inforcado,
Morde o pendente corpo, e roe-lhe a força;
Rasga intranhas das chuvas açoitadas;
Quando as-calcina o sol, chupa as medullas.
Tira os pregos das mãos,e a sanie negra
Sorve e o virus coalhado em carne viva.....
Resiste o nervo? pendurada fica.

Todo o cadaver nu, que em terra jaza,
Antes de aves e feras, lhe-pertence;
N'elle se-assenta; o ferro o-não decepa,
Nem mãos! Aguarda que os-esmordacem lobos,
Para arrancar-lh'o ás esfaimadas fauces.

Não a-embarga a matança, si precisa
Sangue inda quente,a rebentar da chaga,
Ou si a oblação quer membros palpitantes;
Rasga um ventre, e da fenda extrahe o feto
Para ir depôl-o nas combustas aras.

Si são mister sombras terriveis, fortes,
Fal-as; dos homens toda a morte é boa;
Do mancebo, inda em flor, saca a penugem;
Do ephebo, co'a sinistra corta a coma.
Não raro, de um parente nas exequias,
Lança-se ao corpo caro, entra a beijal-o,
Trunca a cerviz co'os dentes lhe-abre a bocca,
A lingua prêsa ao palladar lhe-morde,
Cospe-lhe vozes nos gelados labios;
Recado infame a stygias sombras manda.

2.3. Texto latino, edição atualizada e notas

<p>Nutre a Tessália³, em seus horrendos flancos⁴, Mil simples⁵ venenosos; da magia Os próprios montes os arcanos⁶ sabem. [440] Nascem plantas aí que aos deuses forcem; E a bárbara Medeia⁷ à hemônia⁸ terra Ervas foi descobrir, em Colco⁹ ignotas¹⁰! Dos deuses o ouvido, a nós tão surdo, Torná-lo atento as feiticeiras sabem. Só delas rompe a voz etéreos paços¹¹, [445] E invito¹² ao nume essas palavras chegam. Sem que do polo, nem do céu volúvel¹³ O distraia o cuidado. Quando aos astros Ascende o infando¹⁴ tessalônio grito Nem poderia Babilônia¹⁵ ou Mênfis¹⁶, Inda ostentando os penetrais¹⁷ dos magos, [450] Fazer-se ouvir aos deuses, que as desertam. Ao canto das Tessáides¹⁸, de chofre¹⁹, Do amor se abranda o coração mais duro; Arde o peito senil²⁰ com chama ilícita. Não produz só tão torpes malefícios Funesta beberagem²¹ ou o hipomane²²; [455] A mente, sem que o tóxico a polua, Co'as palavras, fãece. Aos que não liga Toro²³ de amor, beleza, ou simpatia, O mago fio atrai, e os encadeia. [460]</p>	<p>Thessala quin etiam tellus herbasque nocentes Rupibus ingenuit, sensuraque saxa canentes Arcanum ferale Magos. Ibi plurima surgunt 440 Vim factura Deis, et terris hospita Colchis Legit in Haemoniis, quas non advexerat, herbas. Impia tot populis, tot surdas gentibus aures Caelicolum dirae convertunt carmina gentis. Una per aetherios exit vox illa recessus 445 Verbaque ad invitum perfert cogentia numen, Quod non cura poli, caelique volubilis umquam Avocat. Infandum tetigit quum sidera murmur, Tunc, Babylon Persea licet, secretaque Memphis Omne vetustorum solvat penetrabile Magorum: 450 Abducet Superos alienis Thessalis aris. Carmine Thessalidum dura in praecordia fluxit Non fatis adductus amor; flammisque severi Illicitis arsere senes. Nec noxia tantum Pocula proficiunt, aut quum turgentia succo 455 Frontis amaturae subducunt pignora fetae: Mens, hausti nulla sanie polluta veneni, Excantata perit. Quos non concordia mixti Alligat ulla tori, blandaeque potentia formae, Traxerunt torti magica vertigine fili. 460</p>
--	--

³ *Tessália*: região da Grécia, também conhecida por Trácia e *Haemonia*, era um lendário lugar de mulheres feiticeiras. A fama das mulheres da Tessália para as artes mágicas não é inventada aqui por parte de Lucano, mas ela é ancestralmente sugerida, e vinculada à presença de Medeia naquelas terras segundo as narrações míticas.

⁴ *Flancos*: parte lateral de qualquer objeto, terreno, região etc. (CA)

⁵ *Simples*: categoria de plantas. (CA)

⁶ *Arcanos*: segredos, mistérios. (CA)

⁷ *Medeia*: feiticeira da Cólquida, famosa na literatura por ter enamorado-se de Jasão.

⁸ *Hemônia*: Cf. nota 1.

⁹ *Cólquida*: país de origem de Medeia.

¹⁰ *Ignotas*: desconhecidas.

¹¹ *Paços*: palácios. (CA)

¹² *Invito*: que procede contra a própria vontade. (CA)

¹³ *Volúvel*: capaz de girar, mover-se incessantemente. (CA)

¹⁴ *Infando*: de que se não deve falar. Abominável; execrável, horrível. (CA)

¹⁵ *Babilônia*: cidade conhecida pelos estudos de astrologia.

¹⁶ *Mênfis*: cidade do antigo Egito, como a Roma antiga também era politeísta.

¹⁷ *Penetrais*: algo guardado em segredo, não revelado, misterioso. (CA)

¹⁸ *Tessáides*: mulheres da Tessália e, por metonímia, feiticeiras.

¹⁹ *De chofre*: de repente, subitamente. (CA)

²⁰ *Senil*: idoso, velho. (CA)

²¹ *Beberagem*: infusão de ervas. (CA)

²² *Hipomane*: nome que davam os antigos a uma excrescência negra na testa dos poldros, bem como ao líquido mucoso que deita a égua quando está com o cio; ambos serviam para preparar filtros de amor e afrodisíacos. (CA)

²³ *Toro*: leito conjugal. (CA)

<p>Da natureza a ordem se interverte; Sem fim, no dia, a noite se prolonga; Rebela-se o éter²⁴ contra as leis eternas; Imóvel cede, ao esconjuro²⁵, o mundo. Jove²⁶, que à esfera²⁷ imprime o giro rápido, Pasma que os eixos parem; toda a terra [465] De água se inunda; o sol as nuvens cerram; Ronca o trovão...e Júpiter o ignora! Co' o mesmo carne²⁸, e desatando as tranças, Expele a maga²⁹, ao longe, a névoa e as chuvas:[470] Calam-se os ventos; intumesce³⁰ o oceano; Ira-se o Noto³¹; o mar lhe espreita as fúrias³²; Das naus os flancos contra as vagas³³ gemem. Torrente³⁴, que espumava, além, suspende; Contra o declive, além remonta³⁵ o rio; Não transborda em verão o Nilo; e as águas Em reta linha à foz leva o Meandro³⁶; Impele o Sona³⁷ ao Ródano³⁸ remisso³⁹; [475] Baixam seus cumes à planície os montes; Não calca⁴⁰ o Olimpo as nuvens, lá se fundem, Sem sol, do inverno ao pino, as cítias⁴¹ neves. A negra invocação repele as ondas, [480] E deixa a seco a praia; o axe⁴² da terra Abala a mole imóvel, e no espaço O orbe vergando, titubeia e pende, E impelido a tal voz, esvai-se o globo, Patenteando⁴³ o circunfuso⁴⁴ Olimpo.</p> <p>Todo animal maléfico e homicida [485] Treme da Hemônia⁴⁵, e é-lhe instrumento horrendo! O leão iracundo⁴⁶, o ávido tigre</p>	<p>Cessavere vices rerum; dilataque longa Haesit nocte dies: legi non paruit aether, Torpuit et praeceps, audito carmine, mundus; Axibus et rapidis impulsos Jupiter urgens Miratur non ire polos. Nunc omnia complent 465 Imbribus, et calido producunt nubila Phoebo, Et tonat ignaro caelum Jove: vocibus isdem Humentis late nebulas nimbos que solutis Excussere comis. Ventis cessantibus, aequor Intumuit; rursus vetitum sentire procellas 470 Conticuit, turbante Noto: puppimque ferentes In ventum tumuere sinus. De rupe pependit Abscisa fixus torrens; amnisque cucurrit Non qua pronus erat. Nilum non extulit aestas, Maeander derexit aquas, Rhodanumque morantem 475 Praecipitavit Arar. Summisso vertice montes Explicuere jugum, nubes suspexit Olympus: Solibus et nullis Scythicae, quum bruma rigeret, Dimaduere nives. Impulsam sidere Tethyn Reppulit Haemonium, defenso litore, carmen. 480 Terra quoque inmoti concussit ponderis axem, Et medium vergens nisu titubavit in orbem: Tantae molis onus percussum voce recessit, Perspectumque dedit circumlabentis Olympi.</p> <p>Omne potens animal leti, genitumque nocere, 485 Et pavet Haemonias, et mortibus instruit artes. Has avidae tigres, et nobilis ira leonum,</p>
---	--

²⁴ *Éter*: espaço celeste. (CA)

²⁵ *Esconjuro*: ação ou resultado de imprecicar, de pedir a Deus, ou a um ser superior, que envie bênçãos ou maldições sobre alguém. (CA)

²⁶ *Jove*: nome pelo qual Júpiter também era chamado na Roma antiga.

²⁷ *Esfera*: o globo terrestre. (CA)

²⁸ *Carne*: canto. (CA)

²⁹ *Maga*: Mulher que pratica magia; bruxa; feiticeira. (CA)

³⁰ *Intumesce*: torna-se inchado. (CA)

³¹ *Noto*: o vento do Sul. (Torrinha)

³² *Fúrias*: ímpeto. (CA)

³³ *Vagas*: onda de grande altura em mar agitado. (CA)

³⁴ *Torrente*: corrente violenta de água. (CA)

³⁵ *Remonta*: ergue (-se) muito, eleva (-se). (CA)

³⁶ *Meandro*: rio muito sinuoso (Torrinha)

³⁷ *Sona*: ou Arar, rio da Gália. (Torrinha)

³⁸ *Ródano*: rio da Gália.

³⁹ *Remisso*: vagaroso. (CA)

⁴⁰ *Calca*: comprime. (CA)

⁴¹ *Cítias*: da Cítia, região ao norte da Europa e da Ásia.

⁴² *Axe*: o mesmo que eixo. (CA)

⁴³ *Patenteando*: tornando (algo) livre, abrindo a; franqueando; liberando. (CA)

⁴⁴ *Circunfuso*: derramado, espalhado em roda. (CA)

⁴⁵ *Hemônia*: moradora da Tessália, feiticeira.

⁴⁶ *Iracundo*: que é propenso a sentir ou a demonstrar ira. (CA)

Lambem-lhe as mãos; as gélidas escamas ⁴⁷ Alarga a cobra, e roja-se ⁴⁸ no gelo; Víperas ⁴⁹ juntas, arrancadas, soldam-se, [490] E um bafo humano as serpes aniquila.	Ore fivent blando: gelidos his explicat orbes, Inque pruinoso coluber distenditur arvo. Viperei coeunt, abrupto corpore, nodi, 490 Humanoque cadit serpens adflata veneno. Quis labor hic Superis, cantus herbasque sequendi, Spennendique timor? cujus commercia pacti Obstrictos habuere Deos? parere necesse est, An juvat? ignota tantum pietate merentur? 495 An tacitis valuerunt minis? hoc juris in omnes Est illis Superos? an habent haec carmina certum Imperiosa Deum, qui mundum cogere, quidquid Cogitur ipse, potest? Illis et sidera primum Praecipiti deducta polo; Phoebique serena 500 Non aliter, diris Verborum obsessa Venenis, Palluit, et nigris terrenisque ignibus arsit, Quam si fraterna prohiberet imagine tellus, Insereretque suas flammis caelestibus umbras: Et patitur tantos cantu depressa labores, 505 Donec suppositas propior despumet in herbas.
Donde virá que os deuses se arreceiem De ervas e cantos, e ind' assim lhes fujam? Que pacto os liga? É força que obedecem? [495] É dó? Serão secretas ameaças? Exercem seu poder nos deuses todos, Ou só nalgum, que o mundo violente Como o forçam a ele?	Hos scelerum ritus, haec dirae crimina gentis Efferat damnarat nimiae pietatis Erichtho, Inque novos ritus pollutam duxerat artem.
O indubitável ⁵⁰ É que os astros dos céus a maga arranca; Serena Febe ⁵¹ , opressa por tais vozes, [500] Empalidece, e frouxa luz derrama; Dirás que a terra veda a amiga imagem ⁵² ,	Illi namque nefas urbis summittere tecto 510 Aut laribus ferale caput; desertaque busta Incolit, et tumulos expulsis obtinet umbris. Grata Deis Erebi. Coetus audire silentium, Nosse domos Stygias, arcanaque Ditis operti, Non Superi, non vita vetat. Tenet ora profanae 515 Foeda situ macies, caeloque ignota sereno. Terribilis Stygio facies pallore gravatur, Impexis onerata comis.
E os etéreos clarões co'a sombra apaga; E assim labora ⁵³ , até que se resolva [505] Perto a espumar as sotopostas ⁵⁴ ervas.	
E inda esses carmes, esses ímpios ritos Eram virtude, aos olhos de Erictoa ⁵⁵ Que inda mais inquinou ⁵⁶ a arte maldita!	
Essa nunca em cidades, nem nas casas, [510] Mostra a feral ⁵⁷ cabeça; a bruxa habita Vácuo moimento ⁵⁸ , donde expulsa as sombras ⁵⁹ ; Cara aos nubes do Averno ⁶⁰ , escuta os manes ⁶¹ , Sabe a Estígie ⁶² , e Plutão ⁶³ diz-lhe mistérios. Que importa ser mortal? Permite-o o Fado ⁶⁴ .	
Na face magra e horrenda, nunca um átomo [515] Luziu da cor do dia; as hirtas ⁶⁵ grenhas ⁶⁶ Frente de estígia ⁶⁷ palidez lhe cobrem.	

⁴⁷ *Escamas*: cada uma das lâminas delgadas que recobrem o corpo de alguns peixes e répteis. (CA)

⁴⁸ *Roja-se*: desliza rastejando; rasteja. (CA)

⁴⁹ *Víperas*: que tem a natureza da víbora. (CA)

⁵⁰ *Indubitável*: indiscutível. (CA)

⁵¹ *Febe*: a lua. (Torrinha)

⁵² *Amiga imagem*: o reflexo do sol. (Febo, irmão dela)

⁵³ *Labora*: trabalha com sacrifício e perseverança. (CA)

⁵⁴ *Sotopostas*: colocadas por baixo. (CA)

⁵⁵ *Erictoa*: a mais cruel das feiticeiras da Tessália.

⁵⁶ *Inquinou*: corrompeu, contaminou. (CA)

⁵⁷ *Feral*: lúgubre.

⁵⁸ *Moimento*: mausoléu, monumento fúnebre. (CA)

⁵⁹ *Sombras*: espíritos, fantasmas. (CA)

⁶⁰ *Averno*: os infernos. (Torrinha)

⁶¹ *Manes*: as almas dos mortos. (CA)

⁶² *Sabe a Estígie*: conhece a Estige, uma lagoa localizada no inferno.

⁶³ *Plutão*: rei dos infernos. (Torrinha)

⁶⁴ *Fado*: deus do destino. (Grimal)

⁶⁵ *Hirtas*: eriçadas, duras. (CA)

⁶⁶ *Grenhas*: cabelo despenteado. (CA)

⁶⁷ *Estígia*: infernal.

<p>Todo o cadáver nu, que em terra jaza, [550] Antes de aves e feras, lhe pertence; Nele se assenta; o ferro o não decepa, Nem mãos! Aguarda que o esmordacem lobos, Para arrancar-lho às esfaimadas⁸⁶ fauces⁸⁷.</p> <p>Não a embarga⁸⁸ a matança, se precisa Sangue inda quente, a rebentar da chaga, [555] Ou se a oblação⁸⁹ quer membros palpitantes; Rasga um ventre, e da fenda extrai o feto Para ir depô-lo nas combustas⁹⁰ aras.</p> <p>Se são mister sombras terríveis, fortes, [560] Fá-las; dos homens toda morte é boa; Do mancebo, inda em flor, saca a penugem⁹¹; Do efebo⁹², co'a sinistra⁹³, corta a coma⁹⁴. Não raro de um parente nas exéquias⁹⁵, Lança-se ao corpo caro, entra a beijá-lo, [565] Trunca⁹⁶ a cerviz⁹⁷, co'os dentes lhe abre a boca, A língua presa ao paladar⁹⁸ lhe morde, Cospe-lhe vozes nos gelados lábios; Recado infame a estígias sombras manda.</p>	<p>Et, quodcumque jacet nuda tellure cadaver, 550 Ante feras, volucresque sedet; nec carpere membra Vult ferro, manibusque suis, morsusque luporum Expectat, siccis raptura e faucibus artus.</p> <p>Nec cessant a caede manus, si sanguine vivo 555 Est opus, erumpat jugulo qui primus aperto, Nec refugit caedes, vivum si sacra cruorem. Extaque funerae poscunt trepidantia mensae: Vulnere sic ventris, non qua Natura vocabat, Extrahitur partus, calidis ponendus in aris.</p> <p>Et quotiens saevis opus est, ac fortibus umbris, 560 Ipsa facit manes: hominum mors omnis in usu est. Illa genae florem primaevo corpore vulsit, Illa comam laeva morienti abscidit ephebo. Saepe etiam caris, cognato in funere, dira 565 Thessalis incubuit membris; atque oscula fingens, Truncavitque caput, compressaque dentibus ora Laxavit; siccoque haerentem gutture linguam Praemordens, gelidis infudit murmura labris, Arcanumque nefas Stygias mandavit ad umbras.</p>
---	---

⁸⁶ *Esfaimadas*: famintas. (CA)

⁸⁷ *Fauces*: garganta de animais. (CA)

⁸⁸ *Embarga*: impede. (CA)

⁸⁹ *Oblação*: oferenda. (Moraes)

⁹⁰ *Combustas*: incendiadas. (CA)

⁹¹ *Penugem*: buço. (CA)

⁹² *Efebo*: rapaz jovem, mancebo. (CA)

⁹³ *Sinistra*: mão esquerda. (CA)

⁹⁴ *Coma*: cabeleira grande e farta. (CA)

⁹⁵ *Exéquias*: cerimônias fúnebres. (CA)

⁹⁶ *Trunca*: corta ou retira partes fundamentais de algo, deixando-o mutilado ou incompleto. (CA)

⁹⁷ *Cerviz*: parte posterior do pescoço; nuca. (CA)

⁹⁸ *Paladar*: palato, céu da boca. (CA)

2.4. Contexto da nota e preâmbulo aos comentários

Como já citado, esse excerto está inserido nas notas da *Grinalda Ovidiana* que José Feliciano de Castilho⁹⁹ compôs como apêndice para a versão parafrástica de *Os Amores*, do poeta Ovídio. Refere-se à Canção VIII (Tomo I, p.83), que trata de certa “tartárea velha”, bruxa comerciante de feitiços amorosos, mais especificamente ao verso 7: “entende a fundo os mágicos segredos”. Nessa extensa nota, CJ faz alusão às práticas de magia que figuram em diversas obras da Antiguidade, além de pertencerem ao universo mítico-cultural dos povos. Ele cita a VIII *Écloga* de Virgílio; as bruxas Canídia e Sagana, que estão na *Sátira* VIII do Livro I e nos *Epodos* V e XVII de Horácio.

Dentre estes exemplos, elegemos como *cópus* da pesquisa o trecho em que o comentador descreve a Tessália, suas feiticeiras e Ericto, aqui cabe-nos atentar para a escolha tradutória de José Feliciano, que opta por Erictoa, fazendo a “transliteração” a partir do acusativo grego, aparentemente por razões métricas, mas secundariamente para marcar o gênero feminino¹⁰⁰.

Os versos de Lucano possuem notável sonoridade construída minuciosamente com aliterações, assonâncias, aberturas e fechamentos vocálicos, assim como é comum a todos os poetas latinos. Como não podemos restituir acusticamente tal sonoridade, de maneira heurística tecemos os comentários do que parece salientar-se de sua construção poética.

Percebe-se, já a princípio, que o tradutor opta por dar um tom independente a essa passagem do texto, ou seja, distanciando-o da letra do texto lucaniano e concentrando-se mais no conteúdo de todo excerto, que trata da descrição da Tessália e de suas feiticeiras, culminando no detalhamento das feições e das práticas de Ericto, a mais macabra delas. Isso se justifica pelo caráter da nota explicativa em que o excerto está inserido, ali se tratam de “mágicos segredos” ou, melhor dizendo, de práticas mágicas na Antiguidade Romana. Com isso, o excerto é retirado do contexto das batalhas de Pompeu e César, no qual possui significado específico¹⁰¹, para se tornar uma ilustração ao verso de *Amores* (“entende a fundo os mágicos segredos”). Esse

⁹⁹ Também conhecido por Castilho José. Daí usarmos doravante para referi-lo a abreviação CJ.

¹⁰⁰ Etimologia de Ericto: *Ἐριχθό, Ἐρι* “prefixo superlativo” *χθόν* “terra”.

¹⁰¹ O excerto consta do Livro VI da *Farsália* de Lucano. As práticas nefandas dialogam com a guerra abominável entre cidadãos romanos, a Guerra Civil entre Júlio César e Pompeu, a consulta que Sexto Pompeu, filho de Pompeu, realiza à bruxa pressagia a batalha de Farsália, que será narrada no canto seguinte.

tratamento que o tradutor dá ao TP percorre todo excerto. Já no quinto verso, por exemplo, há o acréscimo do nome Medeia, feiticeira amplamente conhecida, enquanto no TP temos *hospita Colchis* (forasteira da Cólquida), que é uma metonímia.

2.5. Comentários à tradução

vv. 438-442

No verso 438, por exemplo, é notável a aliteração do TP em /t/ que se encontra em 4 das seis palavras (*Thessala; eTiam; Tellus e nocenTes*). As outras duas palavras possuem o som /k/ e ainda a oclusiva /b/ – tais recursos atribuem ao TP a dureza e a cadência típicas da poesia épica, além de marcarem solenemente o início do episódio de Ericto.

No verso 439, ainda no TP, o destaque vai para as três palavras finais que aliteram em /s/ e possuem assonância em /e/ e /a/, casando perfeitamente em rima consonante com o verso anterior (*nocentes/canentes*). Embora saibamos que esse tipo de rima não era comumente utilizado pelos antigos, aqui ele é visto e na Retórica antiga era uma figura denominada homeoteleuto.

José Feliciano de Castilho traduz os quatro hexâmetros iniciais por seis versos decassílabos. No entanto, no TC, notamos que Castilho José se preocupa em manter tanto quanto possível a sonoridade do texto com que se relaciona. Nessa abertura da tradução, o destaque vai para as consoantes nasais /m/ e /n/ que permeiam os quatro primeiros versos do TC. O que podemos considerar um prenúncio da inserção de “Medeia à hemônia”, no quarto verso.

Vale destacar que CJ acrescenta “horrendos flancos” que também é metonímia das más qualidades das ervas ali encontradas e das moradoras feiticeiras. Ele também diz que, na Cólquida, tais plantas eram desconhecidas (“em Colco ignotas”), enquanto no TP a informação é de que Medeia não as havia trazido, o que pode ser uma clarificação em termos bermanianos – na medida em que afirma que ela não as trouxe por lá não serem encontradas.

vv. 443-451

Os nove hexâmetros desse trecho são vertidos por dez decassílabos. Castilho José não traduz todo verso 443 do TP. É uma perda qualitativa e quantitativa já que omite que todos estão submissos ao canto das feiticeiras. Há aqui o acréscimo de um

conteúdo que não está no texto de partida: “Dos deuses o ouvido, a nós tão surdo”, porém CJ manteve a correspondência com um vocábulo do TP, *surdas*. Por outro lado, é perdido nesse verso um certo paralelismo sintático garantido pela locução adverbial *tot...tot...*, juntamente com as oclusivas /p/ no primeiro hemistíquio e com a assonância em u no segundo,. Ainda que CJ mantenha oclusivas e adicione a assonância em /o/ e a aliteração em /d/ na sua versão (DOs Deuses O OuviDO, a nós Tão surDO), o efeito alcançado no TP não é de todo recriado no TC.

O tradutor explicita também que a voz de que o trecho trata é das feiticeiras. No TP são “os carmes da sinistra gente”. CJ sintetiza o TC, talvez para usar o verso decassílabo, tradicional em português, e também para não alongar em demasia seu texto, o que resultaria em uma paráfrase. Porém, nota-se a perda de vocábulos que poderiam constar em português de modo mais literal como *caelicolum* e *carmina* (“dos celícolas” e “carmes”), que são bastante expressivos nos versos em questão e poderiam dar um tom correspondente ao TP.

O *aetherios* do verso 445 é trasladado por “ethereos”, e “voz” e “paços” também fornecem uma boa reprodução do TP. Do mesmo modo, CJ parece seguir nos versos seguintes mantendo latinismos próximos às palavras originais: “invito”; “nume”; “polo”; “volúvel” e “infando”, por exemplo. Além dos nomes citados das cidades Babilônia e Mênfis. Com isso, é possível afirmar que o tradutor procurou aproximar os textos. Entretanto, a perda qualitativa (sonora, semântica, rítmica) é notável. Para ilustrar, observemos as palavras *caelicolum* (v.444) e *superos* (v.451) do TP, as duas são vertidas por “deuses” o que ocasiona a perda da variação vocabular e da sonoridade de cada uma nas relações que enriqueciam cada verso de que faziam parte do TP.

vv. 452-460

Os nove hexâmetros são vertidos por nove decassílabos. Depois da descrição da Tessália e do poder dos cantos de suas feiticeiras, o poeta agora especifica os tipos de encantamentos praticados por elas, começando pelos amorosos.

De um modo geral, a tradução do trecho é sintética e perde muito da expressividade encontrada no TP, que procura aliar o encadeamento das palavras às cadeias amorosas produzidas pelo carne. O TP evidencia, também, o caráter físico e sexual do amor e, embora o TC descreva este como “torpes malefícios”, é uma visão simples comparada ao expresso no TP, pois o sintagma *severi....senes* pode aludir aos “velhos mais severos” do carne V, de Catulo, que reclamam do amor daquele eu-lírico

por Lésbia¹⁰². Ou seja, até mesmo esses severos se curvam ao amor ilícito por causa dos feitiços das tessálides.

Ao optar por “canto” na tradução de *carmine* (cf v. 452), CJ perde a ligação que “carne” possui com o poder encantatório das palavras mágicas. A opção dele também por “de chofre” substituindo “*Non fatis adductus*” – “não pelos fados impelido” – colabora para o TC distanciar-se do TP. Há também a perda qualitativa quanto à sonoridade dos versos que é bem trabalhada, como podemos ilustrar com as vogais fechadas /o/ e /u/ no verso 455, o que produz efeito grave: *POcUla prOficiUnt, aUt qUUm tUrgentia sUccO*.

Note-se ainda que CJ traduziu toda a informação cultural do verso 446 por “hipomane¹⁰³”, que no TP é apresentado por meio de uma erudita perífrase: [...] *aut quum turgentia succo/ Frontis amaturae subducunt pignora fetae* – em tradução escolar “ou quanto menos os penhores inchados com o suco da fronte do amável feto que as éguas arrancam” — versos 455 e 456.

Nesse trecho, pode-se dizer que CJ manteve poucos latinismos ou étimos próximos do latim: “toro” e “mago” (no TP, *magica*), por exemplo.

vv.461-467

Embora a língua latina possibilite a quase absoluta liberdade na ordem das palavras de seus sintagmas, pode-se admitir que, em alguns casos, essa possibilidade foi usada para fins de efeito expressivo. Por exemplo, no início desses versos, sujeito e objeto gramaticais deslocados indicam na forma a própria inversão que o poema irá descrever no nível do conteúdo, dispositivo muito constante no restante dos versos. Isso ocorre mesmo quando CJ procura fazer uma tradução menos direta como em: “a noite se prolonga no dia” e o TP diz *dilataque longa /Haesit nocte dies* (“Deteve-se adiado pela longa noite o dia”) em que o agente da frase é mudado por uma construção em passiva sintética. O sentido do original é atendido e o deslocamento da sintaxe no trecho é mantido.

No verso 464, destaca-se a posição das palavras que produzem um bom resultado poético e semelhante ao TP – como “mundo” (que está imóvel), em posição final no verso. Destaca-se aí a nasalização do verso, que reproduz a do TP (cf. *carmine*

¹⁰² *Viuamos, mea Lesbia, atque amemus./rumoresque senum seueriorum/omnes unius aestimemus assis.* “Vamos viver, minha Lésbia, e amar./e aos rumores dos velhos mais severos,/ a todos, voz nem vez vamos dar.” In: **O livro de Catulo**. Tradução, introdução e notas de João Angelo Oliva Neto.

¹⁰³ *Hipomane*: Cf. nota 20.

mundus/ “iMÓvel...escONjuro...MuNdo”). Pode-se deduzir que, em toda ocasião que se apresenta, CJ usa de compensações para repor as perdas que ocorrem na tradução.

O tradutor ainda troca a ordem de aparição dos nomes Jove e Júpiter do TP. Nesse caso, a economia das sílabas poéticas pode ter sido o fator determinante.

A descrição do poder das tessálides é um ponto essencial da versão de CJ. Pode-se dizer que, com as estratégias utilizadas nesse excerto, ele consegue transmitir essa ideia com o vigor poético necessário, mantendo a submissão do mundo natural, e até a dos próprios deuses, ao poder dos carmes enfeitiçantes.

vv 467-475

Aqui o poeta prossegue descrevendo as desordens do mundo natural – que representam o que jamais pode ser mudado ou alterado – acentuando o poder já imenso das feiticeiras. O trecho se inicia indicando que ainda se trata do mesmo canto mágico (CJ utiliza “carne” desta vez), assim, todos os fenômenos descritos, que se sucedem abrangendo todas as forças naturais, agora expõem o comportamento do mar e de rios famosos.

O texto, que já falou sobre as ervas da Tessália e sobre o canto, fala também dos gestos rituais dos ritos: “desatando as tranças,/expele a maga, ao longe, a névoa e as chuvas”.

O TP utiliza muitas aliterações em /t/ e /s/ nesse segmento. No TC não vemos essa figura com tanta frequência. Em alguns, há nasalização e aliteração em /s/: “DaS NauS oS fIANcoS cONtra aS vagaS geMeM”. Em outros, percebe-se a busca por repetição de sons como em “Calam- SE os ventos, intumESCE o oCEano”. No último verso, há o paralelo sonoro entre Sona/ Ródano/ remisso – /s/; /o/ e /r/. É relevante observar ainda que, no TP, os versos que falam de Ródano e Arar (vertido por Sona por sinonímia) constroem uma interessante *enjambement* no TP: *Rhodanumque morantem/Praecipitavit Arar*. Ou seja, o Arar afluindo influi na velocidade do curso do Ródano – por isso o *enjambement* é sugestivo, por o nominativo estar no segundo verso, sugerindo mais uma vez a inversão da ordem natural das coisas.

vv. 476-484

Nesse trecho, 8,5 hexâmetros são transladados em 9 decassílabos. A essa altura de nossa análise, a economia do tradutor e seu cuidado com o número dos versos

parecem evidentes. Como já dito, a paráfrase é evitada. Mas, mesmo considerando o controle quantitativo, há perdas em relação à forma e ao conteúdo do TP..

A escolha das palavras por parte de CJ parece inapropriada neste e em outros pontos. Termos como *summisso* e *jugum* (“submisso” e “pico” – esta última palavra tem também a significação de “jugo”, que, no contexto de as tessáldes poderem mudar “o jugo dos vértices das montanhas”, é algo curioso de se notar) são substituídos, o que pode ser indicativo de uma maior preocupação de CJ em transmitir o conteúdo, preterindo um léxico bastante significativo no TP.

No entanto, CJ faz de sua tradução um rearranjo poético nessa parte principalmente com o uso do *enjambement*, que simula a desordem da Terra cambaleante. O aportuguesamento do texto é significativo, mas não podemos afirmar esse comportamento descaracteriza totalmente o TP. Há uma supressão, quando CJ troca Tétis (divindade marítima) por “as ondas”, desfazendo a personificação do TP.

Destaca-se a preservação de “axe” e o jogo sonoro com /m/ e /l/ no verso 483: “AbaLa a MOLe iMÓveL”. O verso final do período conseguiu um bom resultado ao remeter ao monte Olimpo, que fica na região da Tessália, do modo como é feito no TP, inclusive mantendo a repetição (cf. v. 477).

vv 485-491

Inicia-se a descrição do poder das feiticeiras sobre os animais selvagens: *Omne potens animal leti* (“Todo poderoso animal letal”). Essa ideia, que é repetida nos versos 485-6 do TP, dessa vez, é dada em um só verso no TC.

Nesse trecho, existe a equivalência do número de versos (7 decassílabos para 7 hexâmetros). Para isso, houve perda quantitativa e qualitativa tanto na escolha lexical quanto na força imagética, porém o cerne do texto é mantido. O sentido é capturado, ainda que sintetizado – por exemplo, as relações de troca/submissão que as hemônides têm com os animais são suprimidas.

Podem-se destacar as aliterações em nasais nos dois primeiros versos e em /s/ com assonância em /a/ e abertura do /e/ tônico no 4º verso, quando trata das cobras: “Lambem-lhe AS mãoS; AS gÉlidAS escAmAS”. No último verso, em “aS SerpeS”, para acompanhar o verso 490 (VípereAS juntAS, arrancadAS, SoldAm-se), há um artifício para destacar a sibilante /s/, já que não consta plural no TP. Essa sibilância acentuada não está presente no TP e pode ser considerada compensação pelas outras perdas dos versos.

vv. 492-499

Depois de descrever tudo na Terra que sucumbe à magia das bruxas, nesses versos há uma interpelação do poeta¹⁰⁴. Admira-se ele que o poder delas seja tão grande.

Os 7,5 hexâmetros são traduzidos em 7 decassílabos. Destaca-se novamente a busca do tradutor em seguir o número de versos do TP. Esses versos estão quase prosaicos, ou seja, com poucos recursos próprios da poesia além da métrica. Enquanto o TP abusa das aliterações e assonâncias. Dentre as interrogações feitas há uma que ironiza os deuses: *An juvat?* (Ou agrada?) – questionando a posição deles em conceder e anuir com as feiticeiras. Essa ironia do poeta do TP se perde no TC.

Por fim, há uma referência de Lucano, aqui e em outros momentos, a uma divindade das mais poderosas que nenhum dos comentadores consultados sabe precisar qual deus é. Por esse motivo, talvez, os versos 498-99 de CJ também sejam obscuros.

vv. 499-506

Novamente o número de versos é igual. O poeta agora continua a descrever os feitos das magas sobre a lua. Os versos do TP são belos, por descreverem os sofrimentos de “Febe serena”. Há a personificação dela que é “sitiada”, “empalidece” e é proibida de refletir o irmão. CJ preserva esse efeito, embora traduza *fraterna* por amiga. Mantém, ainda, a latinização do texto com “labora” e “sutopostas”. Mas suprime alguns sintagmas, como do verso 501 *diris Verborum [...]Venenis* (com os venenos funestos das palavras) e no 502 *nigris terrenisque ignibus arsit* (ardeu em negros e terrenos fogos). Descrições e detalhes embelezam o poema, mas parecem não ser indispensáveis para a nota que CJ se propôs a fazer. Ele elenca o poder das feiticeiras sem reproduzir todos os detalhes e ornatos poéticos do TP.

vv. 507-515

Depois da descrição da Tessália, de suas feiticeiras e de todos os elementos que elas são capazes de influenciar com suas ervas e encantamentos, o poeta insere a figura da mais poderosa e horrenda bruxa daquela terra: Ericto. Parece que a parte anterior foi

¹⁰⁴ “Preside o relato, na *Farsália*, um narrador em primeira pessoa. [...] Nadai (2000) oferece uma interpretação alternativa ao estatuto de narrador na obra [...] propõe a hipótese de um “poeta fictício”, construído pelo autor.” (VIEIRA, 2011, p.38-39)

uma preparação para isso, pois o fragmento inicia-se proclamando que, para Ericto, aquelas práticas eram “piedosas” em excesso.

Na versão de CJ há 8,5 hexâmetros para nove decassílabos. Manteve os pronomes demonstrativos (*hos, haec*) em “esses” / “esses”. Mas há sintagmas não traduzidos como *dirae carmina gentis* (“carmes da funesta gente”) e o adjetivo de Ericto *effera* (feroz) o que faz perder depois o efeito com o adjetivo *ferale* no verso 511.

Nos versos seguintes, há outras omissões, como a ideia de que é nefas para Ericto se submeter aos Lares, revelando sua personalidade selvagem. De fato, há um rearranjo do conteúdo, pois a informação de que ela expulsa as sombras por ser protegida pelos deuses inferiores é mudada e transferida de forma diferente. Ele substitui *Erebi*¹⁰⁵ por “Averno”, *superi* por “Fado”, *Ditis*¹⁰⁶ por “Plutão”, talvez por esses termos vernáculos serem mais palatáveis ao conhecimento dos leitores seus contemporâneos. Inevitavelmente, porém, há uma perda qualitativa considerável nesses versos, devido à destruição das redes significantes subjacentes.

vv. 515-520

O TP fornece a descrição física de Ericto em correlato ao fato de ela ser profana. Essa construção não aparece no TC. Nesse trecho CJ é descritivo e simplifica bastante a forma; embora atenda ao conteúdo, há perda vocabular e o jogo estético da elocução do TP é perdido.

De relevante cabe notar o latinismo “estígia”, preservado nos dois versos em que aparece (514 e 517).

vv. 521-526

Os versos do período continuam a descrever o poder de Ericto como possuidora de força maligna: seus pés abrasam plantações e sua respiração infecta os ares.

No TP os versos possuem um rebuscamento que enfatiza esse caráter da bruxa, algo sutil nos detalhes da construção poética que se liga ao exagero da maldade que exala da feiticeira. No primeiro verso do período, *Semina fecundae segetis calcata perussit*, podemos notar ao menos três artifícios: a assonância em /e/; a assonância em /a/ em *calcata*, destacando sonoramente o particípio passado e marcando pontualmente

¹⁰⁵ *Erebi*: do Érebo, dos infernos. (Santos Saraiva)

¹⁰⁶ *Ditis*: de Dis, Plutão, deus dos infernos. (Santos Saraiva)

a consequência de Ericto pisar nas plantações e, por fim, o contraste entre *Semina fecundae* (semente fecunda) e *perussit* (abrasou) que o verbo ocasiona.

No TC, os efeitos da forma poética não são tão refinados. Embora CJ preserve o efeito descritivo da cena, ele suprime alguns vocábulos, como nos versos 523 e 524, por exemplo, em que ele não traduz *cantu*; *supplice* e *auxiliare*. Há então empobrecimento quantitativo e qualitativo, pois esses vocábulos colaborariam para a reprodução de uma expressão poética mais próxima do TP na tradução.

O tradutor mantém a conjunção *nec...nec* do verso 523, mas a suprime no verso 524, no qual ela também aparece.

Nota-se ainda a forte aliteração em /k/ e/ l/ no TP, que não são reproduzidas no TC e o acréscimo neste de “À tessália Erictoa apraz só isso”, no verso 526; ainda que “apraz” reproduza o *gaudet* (alegra-se) do TP, CJ retoma a agente das ações (Ericto), o que não acontece no TP.

O TC usa de aliteração em /s/ nos versos 525 “NaS araS pôr aS funeráriaS tochaS” – aqui há também assonância em /a/ – e 527 “À teSSália Erictoa apraz Só iSSo”.

vv. 527-532

Nos versos anteriores, o poeta descreveu o descaso de Ericto para com os deuses, agora ele mostra como eles cedem à vontade dela. Ela interfere até no ciclo da vida e da morte, entidades que possuem caráter irrevogável e não influenciável.

CJ suprime vários termos, como vêm ocorrendo por todo excerto. A supressão de termos e sintagmas provoca na leitura comparada a impressão que o procedimento do tradutor é sintetizar. Já se comentou aqui que poderia ser uma estratégia para que o resultado não fosse parafrástico.

Nesses versos os termos suprimidos – *nefas*, *carmen*, *Mors* e *cadavera* (este termo, por exemplo, é mais extremo em relação ao “corpos” do TC) – deixam um vazio na tessitura poética e, ainda que CJ traduza o verso 529 preso à letra do original *Viventis animas et adhuc sua membra regentes* por “Almas bem vivas, que inda os membros regem”, a reconfiguração não alcança o efeito do TP. A perda sonora também é relevante, o TP é incisivo nas aliterações, o que não se deu no TC.

vv. 533-537

Castilho José verte 6 decassílabos para 5 hexâmetros. Os versos iniciais estão trocados, o TP começa com *Fumantes juvenum cineres, ardentiaque ossa* (As cinzas fumegantes dos jovens, e as ossadas ardentes), CJ verte “Pilha à fogueira os ossos abrasados,/Dos moços rouba as fumegantes cinzas”. Ele pode ter considerado que os ossos primeiro abrasam-se e depois se tornam cinzas, o que não justifica a inversão ou clarificação do trecho.

Destaca-se o verso 534 do TP, que figura duas vezes *ipsa*, o que CJ ignorou. Por outro lado, temos a tradução latinizada “Toro feral” para *Feralis [...] tori* do verso 536.

vv. 538-549

Esse trecho que descreve as práticas canibais de Ericto também é reformulado por CJ, embora possamos notar a interação entre os textos, já que ela é descrita como um animal predador em ambos, no nível do conteúdo, por exemplo.

No que diz respeito à forma, destaca-se que o tradutor preserva a aliteração em /d/ do TP no verso 539, que também possui aliteração em /t/ – o que no TC foi reproduzido apenas pela em /d/: *Ducitur, et tracta Durescunt tabe meDullae* (é retirado e, uma vez retirada a putrefação da medula): “VasaDo o humor, Duras contraíDas vísceras”. CJ utiliza ainda palavras latinizadas como “ávida” para *avide* (avidamente), do verso 540, “geladas órbitas” para *gelatos orbis* (literalmente geladas orbitas), dos versos 541 e 542, e “sol” e “medulas” para *sole* e *medulas*, do verso 546, bem como “sânie”, “vírus” e “nervo”, ao longo dos outros versos.

No verso 543 do TP, temos as palavras *nodosque nocentes* (nós perniciosos) que, pela proximidade sonora, produzem um belo efeito de eco para o verso. Podemos dizer que CJ faz uma reelaboração desse efeito com “cordas do enforcado”.

Esses procedimentos percebidos demonstram a tentativa de dialogar com o TP. No entanto, ele não traduziu *Abrasit cruces* (raspou as cruces) talvez por considerar que essa informação não seria crucial.

Por fim, queremos destacar uma troca de significados que CJ fez para garantir aliteração em /r/. Trata-se do vocábulo *pallida* (pálida, amarelada) do verso 542. Ele optou vertê-lo por “roxas”, que garantiu o seguinte verso: “ARRanca, Rói-lhe as Roxas secas unhas”.

vv. 550-553

Esses versos continuam a descrever o apetite de Ericto pelos mortos. A disputa é com os outros animais, inclusive com lobos.

São 4 hexâmetros e 5 decassílabos. CJ segue de perto o TP e não omite vocábulos ou sintagmas, é literal, mas podemos ver economia de palavras: “Nem mãos!” para *manibus suis* (com suas mãos), por exemplo.

vv.554-561

Fala-se agora dos crimes que Ericto não se abstém de cometer. Sangue, órgãos ou até mesmo fetos lhe servem nos rituais profanos. CJ traduz 08 hexâmetros em 07 decassílabos.

CJ escolheu não detalhar as práticas da carnificina de Ericto. Como em todo excerto, ele prima pela concisão. O conteúdo é transferido de forma resumida; a extensão dos hexâmetros possibilita um maior conteúdo e também um trabalho primoroso com os recursos poéticos, seja com as figuras diversas, com a construção de imagens ou com a aguda percepção sonora, cara aos poetas latinos.

Nesses versos finais do TC, destaca-se a aliteração de consoantes surdas no verso 555 – “Sangue inDa quenTe, a rebenTar Da chaga” – ou o sintagma “memBros PalPiTanTes” no verso posterior. Há ainda um sutil jogo sonoro entre “VENtre”, “FENda” e “FEto” no verso 559.

vv.562-569

Encerra-se com 8 decassílabos o excerto que CJ considerou importante na Farsália para descrever a Tessália, suas bruxas e Ericto, a mais poderosa delas. Entretanto, o episódio de Ericto prossegue até o verso 830 do TP.

Os versos são concisos. CJ não repete o paralelismo *illa...illa* dos dois primeiros versos, por exemplo. Mas não deixa de descrever a frieza da bruxa em retirar de corpos jovens o que necessita para seus rituais (“penugem”, “coma”). Castilho José também conserva latinismos no TC: “efebo”; “caro”; “trunca”, “língua”, “gelados” e “estígias”.

Assim, CJ encerra a nota das mágicas da Tessália e o poder supremo que elas possuem.

3. Conclusão

Este trabalho de pesquisa se mostrou muito profícuo no sentido de estimular a reflexão sobre o fazer tradutório. A leitura minuciosa dos dois textos nos colocou à frente de uma dupla perspectiva linguística, poética e crítica: a do TP e a do TC.

Não podemos ainda deixar de pensar que cada texto foi produzido em determinado ambiente cultural, o que os torna originais em essência no que concerne às práticas tradutórias a que eles serviram quando da sua feitura.

Temos que destacar também a percepção que tivemos das práticas tradutórias previstas pelos teóricos lidos. As perdas quantitativa e qualitativa, nos termos bermanianos, foram sensivelmente notadas na análise, assim como a compensação – estratégia que busca manter o ritmo e o parentesco (ou a afinidade) vocabular entre os dois textos.

Lembremos que o que se deve buscar não é a tradução palavra a palavra. Mas antes as relações que elas estabelecem entre si na construção da forma do texto poético. Em alguns versos, como se comentou, isso acontece. No entanto, em muitos, prevaleceu a economia poética.

Comprovou-se ainda que o texto, embora apresente perdas, não sofreu dois importantes desvios daqueles apontados por Berman (2007, p.28): a hipertextualidade e a transformação do texto em etnocêntrico. Isso atesta mais uma vez sua qualidade de tradução e não de paráfrase.

Assim, as dúvidas que nos ocorreram a respeito da afirmação de Berman, segundo a qual algumas das tendências deformadoras são necessárias no fazer tradutório, esclareceram-se. De modo que as deformações (entendidas positivamente) permitem ao tradutor criar um texto de boa ou relativa qualidade no TC, oferecendo a nós meios ou chaves de entendimento para valorá-los e ajudar na construção de paradigmas tradutórios que possam servir a futuros tradutores.

Esse pensamento aqui explicitado justifica ainda nossa preocupação em se construir uma história da tradução e recepção dos textos antigos em nossa cultura. Das leituras de Benjamin (2001) e Campos (1967), guardamos a lição de que o texto poético deve também ser recriado poeticamente. Não devemos nos esforçar para desvendar o que tais textos comunicam, mas sim o “como” eles comunicam. Assim, em pesquisas futuras, pretendemos aprofundar ainda mais tais aspectos do nosso embasamento teórico, pois esse exercício nos educa para a sensibilidade necessária à tarefa tradutória.

4. Referências Bibliográficas

4.1 *Corpus*: obras de Castilho José já localizadas

CASTILHO, J. F. A Pharsalia de Lucano: livro VII, A Batalha da Pharsalia. *Arquivo Pitoresco*, Lisboa, vol. VII:198-200; 206-7; 214-6; 222-4; 231-2, 1864

_____. “Cesar no Egypto: excerpto da tradução inedita da *Pharsalia* de Lucano” – Principio do livro 10.º. **Revista contemporanea de Portugal e Brazil**, quarto ano, Vol. IV: 289-96, 467-72, 1862.

_____. Poema de Lucano, traduzido em português: *Pharsalia*, canto 6.º. **Diário do Rio de Janeiro**, ano XLIV, n. 297: 2; n. 299: 2, 1864.

_____. *Pharsalia*: canto 1.º. **Diário official do Império do Brasil**, ano de 1864, n. 256: 3; n. 257: 3; n. 260: 3-4.

_____. Sobre o *Moretum*. **Revista Contemporânea de Portugal e Brazil**, segundo ano, abril de 1860. p. 349-364.

ÍRIS. Periódico de Religião, Belas-Artes, Ciências, Letras, História, Poesia, Romance, Notícias e Variedades. Redigido por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. Periodicidade quinzenal. Volumes disponíveis na Biblioteca Nacional: Ano 1, n.1 (15 de fevereiro de 1848)-ano 2, n.27 (30 de junho de 1849) num total de 27 fasc. Imprensa: Rio de Janeiro, RJ : Typ. do Iris.¹⁰⁷

OVÍDIO. **Arte de amar de Publio Ovidio Nasão**. Tradução de A. F. de Castilho seguidas de comentários de J. F. de Castilho. Rio de Janeiro: Laemmert, 1862. 3 Tomos.

_____. **Os amores de P. Ovidio Nasão**. Paráfrase por Antonio Feliciano de Castilho, seguida pela Grinalda Ovidiana, por José Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Bernardo Xavier Pinto de Sousa, 1858. 11 Volumes.

_____. **Os fastos de P. Ovidio Nasão**: com tradução em verso português de A. F. de Castilho seguida de copiosas anotações por quase todos os escritores contemporâneos. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1862. 2 Volumes.

4.2 Obras de referência, estudos sobre tradução e sobre Castilho José

ALBUQUERQUE, S. J. G. e. **Arte de traduzir de Latim ao Português**. Lisboa: Impressão Régia, 1818.

¹⁰⁷ Essas informações são uma reprodução da descrição encontrada no catálogo on line da Biblioteca Nacional. Cf.

http://catalogos.bn.br/scripts/odwp022k.dll?SHOWINDEX=periodicosraros_pr:periodicosraros:ti:T:
Acesso em junho de 2008.

AULETE, Caldas. **Aulete Digital – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete, Lexikon, 2007. Disponível: <http://www.auletedigital.com.br/>

ASSIS, M. de. **Contos esquecidos**. Org. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Edição crítica a cargo da Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1960.

BELLO, O. **Imprensa nacional (Officina oficial) 1808-1908**: apontamentos históricos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

BENJAMIN, W. “A tarefa-renúncia do tradutor”. In: **Clássicos da teoria da tradução**. Org. Werner Heidermann. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

BERMAN, A. A tradução em manifesto. In: _____. **A prova do estrangeiro**. Trad. M. E. P. Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 11-25.

BERMAN, A. **A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo**. Tradutores Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro : 7Letras, 2007.

BOSI, A. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BURKE, P. “Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna”. In:_____; **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. Trad. R. Maioli dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 13-44.

CAMPOS, H. de. Da tradução como criação e como crítica. In:_____. **Metalinguagem**. Petrópolis: Vozes, 1967. p. 21-38.

CAMPOS, H. O Prometeu dos Barões. In:ALMEIDA, G. DE E VIEIRA, TRAJANO - **Três Tragédias Gregas**. São Paulo: Perspectiva. 1997. p. 231-251.

_____. Odorico Mendes: o patriarca da transcrição. In: HOMERO. **Odisséia**. Trad. de Odorico Mendes e ed. de A. M. Rodrigues. São Paulo : Ars Poetica/EDUSP, 1992. p. 11-4.

_____. Tradução, ideologia e história. In: SIMON, Iuma Maria (org.) **Território da Tradução**, revista Remate de Males. Campinas: IEL, 1984. 239-247.

_____. Transcriar Homero: desafio e programa. In: **Os nomes e os navios**: Homero – Íliada II. Org., introdução e notas de Trajano Vieira. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**. 2ª ed. Martins Fontes, São Paulo, 2003

_____. **Estudos sobre as tragédias de Sêneca**. Alameda, São Paulo, 2005.

CASTILHO, A. F. **Tratado de metrficação portuguesa**. 4.a Ed. revista e aumentada. Porto: Livraria Moré Ed., 1874.

CASTILHO, J. F. **Pharsalia: canto 6.º**. Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Ano XLIV – n. 297, 28 de out. de 1864, p. 2; n. 299, 30 de out. de 1864, p. 2.

CATULO. **O livro de Catulo**. Trad., intr. e notas de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

CATULLE. **Poésies de C. V. Catulle**. Ed. C. H. de Guerle. Paris: Panckoucke, 1837.

CHAGAS, P. **Ensaio críticos**. Porto: Typographia Commercial, 1866.

FALEIROS, A. A crítica da retradução poética. **Itinerários**, v 28, p. 145-158, jan./jun. 2008.

GRIMAL, P. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1966.

GAMBIER, Y. La retraduction, retour et détour. In: *Meta: journal des traducteurs*. v. 39, nº3, 1994, pp.413-417. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/meta/1994/v39/n3/002799ar.html?vue=resume>, acesso em 10/10/2012.

HARVEY, P. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

HOLGADO, A. La frontera de verso em la Farsalia de Lucano: Estudio Estilístico. Cadiz: Universidad de Cadiz, Servicio de Publicaciones, 1987.

HOMERO. **Odisseia**. Trad. de Odorico Mendes e ed. de A. M. Rodrigues. São Paulo : Ars Poetica/EDUSP, 1992. p. 11-4.

JACOBI, E. **Dictionnaire mythologique universel**. Trad. T. Bernard. Paris: Didot Frères, 1846.

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA. In: SILVA, I. F. da. **Dicionario bibliographico portuguez**. Lisboa: Imprensa nacional, 1860. Tomo IV. p.316-20.

LARBAUD, V. **Sob a invocação de São Jerônimo**: ensaios sobre a arte e técnicas de tradução. São Paulo: Mandarin, 2001.

LAUSBERG, H. **Elementos de retórica literária**. Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LEFEVERE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Bauru (SP): EDUSC, 2007.

LIMA, A. D. possíveis correspondências expressivas entre latim e português: reflexões na Área de Tradução. **Itinerários**, Araraquara, n. especial, 13-22, 2003.

LUCAIN, M. A. **Pharsale**: livres VI-X. Trad. Nounelle par M. J.-J. Courtaud-Diverneresse. Paris: Panckoucke, 1836.

LUCAN. **The civil war**. Transl. by J.D. Duff. London: Harvard University Press, 1997.

_____. **The Pharsalia**. Transl. by H.T. Riley. London: Henry G. Bohn, York Street, Covent Garden, 1853.

LUCANO. **Farsália**. Cantos de I a V. Intr., trad. e notas Brunno V.G. Vieira. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

_____. **Farsalia**. Introd., trad. y notas de Antonio Holgado Redondo. Madri: Gredos, 1984.

_____. **Farsalia: De la guerra civil**. Introd. Versión rítmica, notas e índice de nombres de Rubén B. Nuño y Amparo G. Schmidt. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004.

MACEDO, J. M. de Discurso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Vol. 42(59):307-314, 1879.

MARTIAL. **Epigrammes de M. Val. Martial**. Ed. V. Verger, N. A. Dubois et J. Mangeart. Paris: Panckoucke, 1835.

MENEZES, R. de. **Dicionário literário brasileiro**. 2.a. ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Bocage, introdução e edição de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Hedra, 2007.

_____. **Obras** (Os fastos, Os amores, A arte de amar). Trad. A. F. Castilho. São Paulo: Cultura, 1945.

_____. **Os fastos**. Trad. A. F. Castilho. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1862.

PERDIGÃO, H. **Dicionário Universal de Literatura**. Porto: Portucalense, 1934

PRIETO, M. H. T. C. U.; PRIETO, J. M. T. C. U.; PENA, A. N. **Índices de nomes próprios latinos e gregos**. Coimbra: Calouste Gulbenkian/JNICT, 199_.

ROMERO, S. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. Tomo V.

SANDRONI, C. **Vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa**. 5.a ed. Rio de Janeiro: Global Editora, 2009.

SPINA, S. **Introdução à edótica**: crítica textual. São Paulo: Ars Poetica/EDUSP, 1994.

VASCONCELLOS, P. S. Contribuições à reapreciação crítica da Eneida de Odorico Mendes. **Phaos**, Campinas (SP), n. 1: p.171-86, 2001.

VIANNA, H. Um intelectual português na corte de D. Pedro II: José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha. **Brasília**, Coimbra, vol. 5: 465-85, 1950.

VIEIRA, B. V. G. **FARSÁLIA, de Lucano, cantos I a IV: prefácio, tradução e notas**. 2007. 340 p. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

_____. Um tradutor de latim sob Dom Pedro II: perspectivas para a história da tradução da literatura greco-romana em português. In: **Revista Letras**, nº80, p.71-89. Editora UFPR; Curitiba, jan./abr. 2010a.

_____. Recepção de Odorico Mendes: (A) Casos de crítica de tradução no século XIX. In: **Phaos**. Campinas, nº10: p. 139-154, 2010b.

_____. A permanência de Lucano na literatura lusófona. In: **Permanência clássica: visões contemporâneas da Antiguidade Greco-roma**. Bruno V.G. Vieira e Márcio Thamos (Orgs). Escrituras; São Paulo, 2011.

_____. A biblioteca latino-portuguesa de Machado de Assis. IN: AMARANTE, José (Org.); LAGES, L. (Org.). **Mosaico Clássico: variações acerca do mundo antigo**. 1. ed. Salvador: UFBA, 2012.

_____. José Feliciano de Castilho e a tradição clássica no século XIX. In: **Anais do II Congresso Nacional de Linguagens em Interação**. Maringá/PR: Departamento de Letras Ed., 2008. p. 923-933.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Trad. de M. O. Mendes. Ed. anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia (SP): Ateliê Editorial; Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2008a.

_____. **Eneida brasileira**: tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro. Org. P. S. Vasconcellos et al. Trad. M. O. Mendes. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2008b.

_____. **Eneida**. Trad. de J. V. Barreto Feio e J. M. da Costa e Silva. Introdução e edição de P. S. Vasconcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ANEXO I — Edição fac-similar do texto latino e da tradução
(Ovídio, 1858, pp. 454-461)

454 § 101 — I. VIII. 7.

Thessala quin etiam tellus herbasque nocentes
Rupibus ingenuit, sensurisque saxa canentes
Arcanum ferale Magos. Ibi plurima surgunt
Vim factura Deis; et terris hos-pita Colchis
Legit in Haemoniis, quas non adixerat, herbas.
Impia tot populis, tot surdas genibus aures
Canticolum dira convertunt carmina gentis.
Una per aetheris exit vox illa recessus.
Verbaque ad involum perfert cognita nomen,
Quod non cura poli, caelique volubilis unquam
Avocat. Infandum tetigit quum sidera murrur,
Tunc Babylon Persae leet, secretaque Memphis
Omne vetustorum solvat penetrale Magorum:
Abducit Superos alienis Thessalis artis.

Carmine Thessalidum dura in precordia fluxit
Non factis adductus amor; flammisque severi
Illicitis arsere senes. Nec noxia tantum
Pocula proficiunt, aut quum turgenia sacco
Frontis amaturae subducunt pignora, lecte:
Mens, basuli nulla sanis politata veneni.
Excantata perit. Quos non concordia mixti
Alligat ulla tori, blandique potentia formae,
Traxerunt torti magica vertigine filii.

Cessavere vires rerum; dilataque longa
Hæsit nocte dies: legi non paruit ether.
Torpuit et præceps, auditu caruline, mundas;
Axibus et rapidis impulsos Jupiter urgens
Miratur non ire polos. Num: omnia complent
Imbribus, et calido producunt nubila Phœbo;
Et tonat ignaro cœlum Jove: vocibus Isdem
Humentes late nebulas, nimbo que solatis
Excussere comis. Ventis cessantibus, anquor
Intumuit; rursus vetitum sentire procellas

INTENDE A FUNDU OS MAGICOS SEGREOS. 455

Nutra a Thessalia, em sees horrendas fiamos,
Mê simples venenosos; da magia
Os proprios montes os arcasos saltem.
Nascem plantas ahí que aos deuses foram;
E a berteira Modê é beneita terra
Herbas foi descolair, em Colchis ignot is!
Das deuses o envido, a nós tão subto,
Tornal-o attento as felicioras solum.
Sô d'ellas rompe a voz etheros peros,
E invilo ao nome essas palavras choram.
Sem que do polo, nem do céu volverel
O-distraia o cuidado. Quando aos astros
Ascende o infando Thessalontio grito
Nem poderia Bolytonia os Memphis,
Inla ostentando os penetrans dos magos.
Fazer-se ouvir aos deuses, que as-descriam

Ao canto das Thessalides, de chofre,
Do amor se-abranda o coração mais duro;
Arte o peito senti com chamma illicita.
Não produz só tão torpes maledricas
Festas beverage ou o hippomanes;
A ventis, sem que o torxo a-polim,
Cô as palavras, falloc. Aus que não figa
Tôro de amor, belleza, os sympathia,
O mago do alitabe, e os-cacaleia.

Da maldade a erdem se-intervite;
Sem fim, no dia, a noite se-prolonga;
Rebelle-se o ether contra as leis cœnas;
Inmovel cede, ao escorjaro, o mundo.
Jove, que é esphera imprime o gyro rapido,
Passa que os cœlos parem; nota a terra
De agua se-huanda; o sol as naves cerram;
Roca o trovão... e Jupiter e-ignora!
Cô o mesmo carne, e deslizando as franças,
Expelle a maga, ao longe, a terra e as chovas;
Calam-se os ventis; intumescço oceano;
Ira-se o nolo; o mar lie-espreita as forjas

456 § 101 — I. VIII. 7.

Conticuit, turbante Noto : puppimque ferentes
 In ventum tumuere sinus. De rupe pependit
 Abscissa fixus torrens ; amnisque cucurrit
 Non qua pronus erat. Nilum non extulit astas ;
 Maeander direxit aquas ; Rhodanumque morantem
 Praecipitavit Arar. Submisso vertice montes
 Explicuere jugum ; nubes suspexit Olympus :
 Solibus et nullis Scythicae, quum bruma rigeret,
 Dimaduere nives. Impulsam sidere Tethyn
 Reppulit Haemonidum, defenso litore, carmen.
 Terra quoque immoti concussit ponderis axem,
 Et medium vergens nisu itubavit in orbem :
 Tantaë molis onus percussum voce recessit,
 Perspectumque dedit circumlabentis Olympi.
 Omne potens animal leti, genitumque nocere,
 Et pavet Haemonias, et mortibus instruit artes.
 Has avidae tigres, et nobilis ira leonum
 Ore fovent blando : gelidos his explicat orbis,
 Inque pruinoso coluber distenditur arvo.
 Viperei coeunt, abrupto corpore, nodi ;
 Humanoque cadit serpens adflata veneno.
 Quis labor hic Superis, cantus herbasque sequendi,
 Spernendique timor ? cujus commercia pacti
 Obstrictos habuere Deos ? parere necesse est,
 An juvat ? ignota tantum pietate merentur ?
 An tacitis valtere minis ? hoc juris in omnes
 Est illis Superos ? an habent haec carmina certum
 Imperiosa Deum, qui mundum cogere, quidquid
 Cogitur ipse, potest ? Illis et sidera primum
 Praecipiti deducta polo ; Phœbeque serena
 Non aliter, diris verborum obsessa venenis,
 Palluit, et nigris terrenisque ignibus arsit,
 Quam si fraterna prohiberet imagine tellus,

INTENDE A FUNDO OS MÁGICOS SEGEDOS. 457

Dea tutas os fâncos coñtra as vagas gramem
 Torrada, que espantara, alem, suspende ;
 Contra o declive, alem remota o rio ;
 Não traboçta, em verão, o Nilo ; e as aguas
 Em recta linha é for leva o Maeandro ;
 Impelle o Sosa ao Rhodano remisso ;
 Baixam seus cumes a planície os montes ;
 Não calca o Olympo as nuvens ; lá se-fundem,
 Sem sel, do inverno ao pino, as scribitas neves.
 A segra invocação repelle as pedras,
 E deita a sêco a prava ; o axe da terra
 Abala a mole immovel, e no espaço
 O orbe verguado, titubea e penol,
 E impellido a tal vez, esvai-se o globo,
 Palatitando o circumfuso Olympo.

Todo o animal maléfico e homicida
 Trema da Haemonia, e é-lhe instrumento horrível
 O leão iracundo, o ávido tigre
 Lambem-lhe as mãos ; as góvilas escamas
 Alarga a cobra, e roç-se no gello ;
 Viperes juntas, arrancadas, soldam-se,
 E um laço humano as serpes amigallia.

D'onde virá que os deuses se-arrecedem
 De terras e caudas, e lud' assim lhas-fugam ?
 Que pacto se-liga ? é força que obbedçam ?
 E de ? serão secretas amozas ?
 Exceção seo poder nos deuses todos,
 Ou só a'algum, que o mundo viziante
 Como o-fortam a elle ?

O inhabilavel
 E que os astros des coes a maga arraza ;
 Serena Phœbe, oppressa por laes vezes,
 Esquallidosa, e fruxa luz derrama ;
 Itras que a terra vota a amiga imagem,

458 § 101 — I. VIII. 7.

Insereretque suas flammis caelestibus umbras :

Et pallitur tantos cantu depressa labores,

Donec suppositas propior despumet in herbas.

Hos scelerum ritus, hæc diræ carmina gentis

Eflera damnarat nimia pietatis Erichtho,

Inque novos ritus pollutam duxerat artem.

Illi namque nefas urbis submittere tecto

Aut laribus ferale caput ; desertaque busta

Incolit, et tumulos expulsi obtinet umbris,

Grata Deis Erebi. Cætus audire silentum,

Nosse domos Stygias, arcanaque Ditis operi,

Non Superi, non vita vetat. Tenet ora profana

Fœda situ macies, cœloque ignota sereno.

Terribilis Stygio facies pallore gravatur,

Impexis onerata comis. Si nimbus, et atræ

Sidera sublucent nubes, tunc Thessala nudis

Egreditur bustis, nocturnaque fulgura captat.

Semina fecunda segetis calcata perussit,

Et non lethiferas spirando perdidit auras.

Nec Superos oral, nec cantu supplice numen

Auxiliare vocat, nec fibras illa litantes

Novit : funereas artis imponero flammæ

Gaudet, et accenso rapit quæ tura sepulcro.

Omne nefas Superi prima jam voce precantis

Concedunt, carmenque timont audire secundum.

Viventes animas et adhuc sua membra rogantes,

Infodit busto ; fati debentibus annos

Mors invita subit : perversa funera pompa

Retulit a tumulis ; fœgere cadavera tectum.

Fumantes juvenum cineres, ardentiaque ossa

E mediis rapt ipsa rogis, ipsamque, parentes

Quam tenere, facem ; nigroque volantia fumo

Feralis fragmenta tori, vestesque fluentes

ENTENDE A FUNDO OS MAGICOS SEGREDOS. 459

E os ethereos clarões cõ a sombra apaga ;

E assim labora, até que se—resolva

Perto a espumar as subpostas hebras.

E iola esses carmes, esses impiõs ritos

Eram virtude, aos olhos do Erichthoa,

Que iola mais inquitou a arte maldicta :

Essa nunca em cidades, nem nas casas,

Mostra a feral cabeça ; a bruxa habita

Y acuo moimento, d'onde expulsa as sombras ;

Cara aos nunes do averno, escuta os manes,

Sabe a estygie, e Plutão diz—lhe mysterios.

Que importa ser mortal ? permite-o o Fado.

Na face magra e horremia, nunca am atomo

Luziu daedr do dia : as hirtas greubias

Fronte de estygia pilidiez lhe-ourem.

Vem temporal ? a nevua encobre os a-tros ?

Sabe do sepulchro nu, serve os corisõs ;

Defincha a loura messe aos p-s calcada,

Empeõnha-se o ar, que a infamam expira.

Nem ora aos deuses, nem invoca nunes,

Expulorius fibras não conhece.

Nas aras pór as funerareas tochas,

Queimar incenso aos tumulos rumbado,

A' thessalia, Erichthoa ajraz ao issu, .

Mal abre a bocca, os Deuses he—coorelem

Quanta nequicia quer ; tremem de ovvil-a

Mandar segunda vez ; arroja a culpa

Almas bem vivas, que iola os memiros regem,

E a que o Fado annos longos promettera,

Trocando os ritos funelires, dos tumulos

Evoca . . . e os corpos dos seus lritos fogem.

Pilha a foguira os ossos abrasados,

Das mores rouba as funeigantes cinzas,

E a propria tocha, que s:os jues em, abnam.

Toro feral infamaçãdos rectos

vii

ii

460 § 101. — I. VIII. 7.

Colligit in cineres, et olentes membra favillas.

Asi ubi servantur saxis, quibus intimus humor

Dicitur, et tracta durescunt tabe medullæ

Corpora; tunc omnes avidè descevit in artus,

Immergitque manus oculis; gaudetque gelatos

Effodisse orbis; et sicca pallida rodit

Excrementa manus: laqueum, notosque nocentes

Ore suo rupit; pendentia corpora carpsit,

Abrasitque cruce; percussaque viscera uimbis

Vulsit, et inroctas admissis sole medullas.

Insertum manibus chalybem, nigramque per artus

Stillantis tibi sanie, virusque coactum

Sustulit, et, nervo morsus retinente, pepandit.

Et quodcumque jacet nuda tellure cadaver,

Ante feras, volucresque selet; nec carpere membra

Vult ferro, anibusque suis, morsusque luporum

Expectat, siccis raptura e faucibus artus.

Nec cessant a cædo manus, si sanguine vivo

Est opus, erumpat jugulo qui primus aperto.

Nec refugit cædes, vivum si sacra cruorem.

Extaque funereæ poseunt trepidantia mensæ:

Vulnere sic ventris, non qua Natura vocabat,

Extrahitur partus, calidis ponendus in aris.

Et quoties sevis opus est, ac fortibus umbris,

Ipsa facit manes: hominum mors omnis in usu est.

Illa genæ florem primevo corpore vult,

Illa comam levia morienti abscedit ephæbo.

Sæpe etiam caris, cognato in funere, dira

Thersalis incubuit membris; atque oscula fingens,

Truncavitque caput, compressaque dentibus ora

Laxavit; siccoque herentem gutture linguam

Præmordens, gelidis infudit marmura labris,

Arcanumque nefas Stygias mandavit ad umbras.

ENTENDE A FUNDO OS MAGICOS SEGREDOS. 461

Lhe-dá, e a veste já desfeita em cinzas,
E os braseiros, de odor de sangue humano.

Mas si na pedra o corpo se-conserva,
Vasudo o humor, duras contrahidas visceras,
Avida então lhe-explora os membros todos;
Nos olhos crava as mãos; geladas orbitas
Arranca, roe-lhe as roxas seccas unhas;
Co' os dentes rompe as cordas do tufoçado,
Morde o pendente corpo, e roe-lhe a forca;
Rasga intranhas das chuvas açeladas;
Quando as--calcina o sol, chupa as medullas.
Tira os preços das mãos, e a sanie negra
Sorve o virus coalhado em carne viva....
Resiste o nervo? pendurada fica.

Todo o cadaver nu, que em terra jaza,
Antes de aves e feras, lhe-pertence;
N'elle se--assenta; o ferro o não decepa,
Nem mãos! Aguarda que o-esmordacem lobos,
Para arrancar-lh' o ás esfaimadas fauceas.

Não a-embarga a malança, si precisa
Sangue inda quente, a rebeutar da chiaga,
Ou si a oblação quer membros palpitanes;
Rasga um veitro, e da feoda extrahê o fetó
Para ir depó--o nas combastias aras.

Si são mister sombras terriveis, fortes,
Fal-as; dos homens toda a morte é boa;
Do mancebo, inda em flor, saca a penngem;
Do ephæbo, co'a sinistra, corta a coma.
Não raro, de um parente nas exequias,
Lança-se ao corpo caro, entra a bejal-o,
Trunca a cerviz, co' os dentes lhe-abre a bocca,
A lingua presa ao palladar lhe-morde,
Cospe-lhe vozes nos gelados labios;
Recado infame a stygias sombras manda.

ANEXO II — Tradução escolar

Ademais, a terra téssala engendrou seja ervas nocivas em suas rochas
 seja penedos que hão de ouvir magos que cantam
 [440] um lúgubre segredo. Aí muitas [ervas] crescem
 que hão de ter influência sobre os deuses, a forasteira da Cólquida
 colheu nas hêmonias terras ervas que não tinha trazido.
 Os ímpios carmes da sinistra gente tanto alteram
 os ouvidos dos povos, quanto das estirpes dos celícolas.
 [445] Aquela única voz propaga-se através dos etéreos retiros
 E palavras constrangedoras leva ao contrariado nume,
 que do cuidado do polo e do céu móvel nunca se distrai.
 Quando o murmúrio infando tocou os astros
 Então, ainda que a Babilônia persa e a secreta Mênfis
 [450] revelem todo mistério de vetustos magos,
 A tessálide aos deuses afasta das estranhas aras.
 Com o canto das tessálides fluiu
 nos insensíveis corações, não pelos fados impelido, o amor. Em chamas ilícitas os
 severos velhos arderam. Não produzem tanto filtros
 [455] nocivos ou quanto menos os penhores inchados com suco
 da fronte do amável feto que as éguas arrancam.
 A mente, não por alguma imunda sânie de feitiço consumido,
 [mas] por causa dos encantamentos perece.
 Aqueles que concórdia alguma de um leito misto ligou, nem a
 [força de meigas formas,
 [460] Elas arrastam pela mágica vertigem de entrelaçado fio .
 Cessaram a alternância das coisas. Deteve-se adiado
 pela longa noite o dia. O éter não obedeceu à ordem, o mundo apressado,
 tendo ouvido o carne, imobilizou-se nos rápidos eixos.
 Júpiter, que os urge, admira-se de que os pólos impelidos não se avancem.
 [465] Agora todas as coisas enchem-se com chuva,
 por Febo cálido, avançam as nuvens carregadas
 E o céu troveja, tendo sido Jove ignorado. Com as mesmas vozes,
 por largo espaço, lançam nevoeiros úmidos e ao desatar os cabelos
 [(lançam) nuvens espessas.
 Uma vez os ventos cessados, o mar intumesceu.
 [470] Depois proibido de conhecer as tempestades calou-se, estando o Noto turbulento,
 e as velas conduzindo a popa contra o vento entumesceram.
 Um corrente impetuosa pendeu presa de um rochedo agudo.
 O rio correu não por onde era inclinado . O estio não inundou o Nilo.
 [475] O Meandro endireitou as águas. O Árar apressou o moroso Ródano.
 Tendo o vértice submisso os montes livraram-se dos seus picos. O Olimpo contemplou
 [de baixo as nuvens.
 Embora o inverno tivesse enrijecido e sendo nulos os sóis, as cítias neves derreteram.
 O carne das hemônides, tendo afastado o litoral, repeliu Tétis
 [480] que era impulsionada por um astro.
 Até a Terra de peso inamovível abalou seu eixo,
 e, pendendo, cambaleou com esforço no meio do orbe:

o peso tangido de tão grande massa por causa da voz
[desviou-se

e ofereceu a vista do Olimpo, que a circundava.

[485] Todo animal que tem o poder letal e gerado porque é capaz de matar
de um lado se apavora com as Hemônias e de outro as ensina as artes mortais

Os ávidos tigres e a ira célebre dos leões a elas
com branda boca acariciam: por elas a cobra desdobra

[as gélidas voltas

E em campo coberto de geada se distende.

[490] Os vipéreos nós, tendo sido o corpo quebrado, se ajuntam,
e pelo veneno humano bafejada a serpe desfalece.

Aos deuses que desgraça é essa de seguir cantos e ervas,
que temor de ignorá-los? Os tratos de que promessa
mantiveram os deuses atados? É necessário ceder

[495] ou agrada? Elas tem mérito apenas por uma desconhecida piedade?
ou prevalecem por tácitas ameaças? Elas tem esse direito

em relação a todos os deuses? Ou esses imperiosos carmes têm
um certo deus que pode o mundo coagir a tudo

a que ele próprio é coagido? Para elas também primeiramente os astros

[500] foram baixados do pólo precipitado, e Febe serena
não diferentemente, pelos venenos funestos das palavras sitiada

empalideceu, e ardeu em negros e terrenos fogos

como se a Terra proibisse a ela o fraterno reflexo
e introduzisse suas sombras nas flamas celestiais:

[505] E sofre tantos trabalhos oprimida pelo canto,

até que, enfim, estando mais próxima se resfriasse sob as ervas nelas submetidas

Esses ritos de crimes, esses carmes da funesta gente

Ericto feroz tinha desprezado por serem de excessiva piedade

E em novos ritos tinha guiado a arte conspurcada,

[510] pois nefas para ela, submeter a um teto de cidade

ou a lares sua cabeça lúgubre, desertos sepulcros habita,

ocupa os túmulos, tendo expulsado os espectros,

grata aos deuses do Érebo. Que ouça as reuniões dos manes,

e que conheça as casas estígias, e os arcanos do encoberto Dite,

[515] nem os deuses, nem a vida proibem. De profana um semblante possui,

hedionda pela decrépita magreza, e ignorada pelo céu sereno.

A aparência terrível com estígia palidez agrava-se

carregada pelos cabelos desgrenhados, se uma tempestade, e se negras

os astros subtraem nuvens então a téssala,

[520] egressa dos sepulcros vazios, apanha os raios noturnos.

Sementes, da fecunda seara ela, depois de pisá-las, abrasou,

e não letíferos ares arruinou por respirar.

Aos súperos não ora, e nem com canto súplice

chama um nume para auxiliá-la, entranhas que obtêm favores ela

[525] não conheceu: nas aras, em depositar funéreas chamas

e os incensos que roubou de um sepulcro aceso se alegra.

Todo nefas os deuses à primeira súplica

concedem, um segundo carne temem ouvir .

Almas viventes e que ainda regem seus membros

[530] enterra nos sepulcros, devendo anos aos fados

a morte avança involuntária: com procissão inversa, funerais
retirou dos túmulos, os cadáveres fugiram do leito.

As cinzas fumegantes dos jovens, e as ossadas ardentes
de entre as piras ela rouba, e o próprio archote

[535] que os pais detinham; em negro fumo
os fragmentos que voam do toro fúnebre, e vestes que pendem
recolhe nas cinzas, e membros nas olorosas brasas

Ademais, quando são preservados nas tumbas, nas quais o

[líquido interno

é tirado, e, uma vez retirada a putrefação da medula,

[540] os corpos endurecem, então alvoroça-se avidamente nos ossos

[todos,

imerge as mãos nos olhos, e alegra-se por as geladas
órbitas terem vazado, da seca mão rói

as amareladas unhas: da forca, os nós pernicioso

com sua boca rompeu: os corpos pendurados recolheu,

[545] e raspou as cruzes, e as vísceras batidas pelas imtempéries
arrancou, e as entranhas pelo sol recebido cozidas .

Introduzido nas mãos o aço, e a por entre os ossos

negra sânie da destilada podridão, e o líquido sórdido coagulado,

retirou e no nervo que as sustinha dependurou-se mordendo.

[550] E, qualquer cádaver que jaz na terra nua,

antes das feras e dos abutres toma assento, não quer arrancar

[os membros

nem com ferro, nem com as próprias mãos, as dentadas dos lobos espera
para roubar os ligamentos das goelas secas.

Não se detêm diante de crimes as mãos, se sangue vivo

[555] é preciso; há quem primeiro irrompa no pescoço aberto.

Nem evita crimes, se os ritos exigem sangue vivo,

E se as mesas funéreas, vísceras palpitantes.

Assim, pelo corte do ventre, não por onde a natureza chamava
extraí-se o feto para ser colocado em ardentes aras.

[560] E quantas vezes for necessário às sombras cruéis e fortes

ela própria produz manes: dos homens toda morte é em [seu] proveito.

Ela arrancou ao corpo infantil o buço (flore) da face,

ela cortou com a mão esquerda a cabeleira do efebo que

[estava morrendo

amiúde também em funeral conhecido, a funesta

[565] Téssala, inclinou-se em caros membros, e, cravando beijo

decepoou a cabeça , e com os dentes os lábios comprimidos

afrouxou, e mordendo a língua que estava fixa na seca garganta,

entre os lábios gélidos infundiu murmúrios

e enviou um misterioso nefas às estígias sombras.